



Estratégia
Concursos

Aula 08

*Unioeste - Conhecimentos
Gerais/Legislação - 2023 (Pós-Edital)*

Autor:

**Leandro Signori, Ricardo Torques,
Sergio Henrique, Equipe
Legislação Específica Estratégia**

Concursos
02 de Junho de 2023

Índice

1) Islamismo, Mundo Árabe e Oriente Médio	3
2) A Questão Israel-Palestina	23
3) Afeganistão	28
4) Terrorismo	32
5) Terremoto na Turquia e Síria	35
6) Questões Comentadas - Islamismo, Mundo Árabe e Oriente Médio - Multibancas	40
7) Questões Comentadas - A Questão Israel-Palestina - Multibancas	53
8) Questões Comentadas - Afeganistão - Multibancas	56
9) Questões Comentadas - Terrorismo - Multibancas	59
10) Lista de Questões - Islamismo, Mundo Árabe e Oriente Médio - Multibancas	61
11) Lista de Questões - A Questão Israel-Palestina - Multibancas	68
12) Lista de Questões - Afeganistão - Multibancas	70
13) Lista de Questões - Terrorismo - Multibancas	72



ISLAMISMO, MUNDO ÁRABE E ORIENTE MÉDIO

Ao lado do Cristianismo e do Judaísmo, o Islamismo é uma das três grandes religiões monoteístas, ou seja, que acreditam na existência de um único Deus. A palavra Islã significa “submeter-se” e exprime a obediência à lei e à vontade de Alá (Allah, Deus em árabe). O livro sagrado do Islamismo é o Alcorão, que consiste na coletânea das revelações divinas recebidas por Maomé de 610 a 632. Os seguidores da religião são conhecidos como muçulmanos. Atualmente, o Islã é a religião que mais se expande no mundo, está presente em mais de 80 países e compreende mais de um bilhão de fiéis.

Após a morte do profeta Maomé, em 632, criou-se a figura do califa, ou seja, o líder da comunidade muçulmana no mundo e chefe do Estado muçulmano. A divisão do Islã entre sunitas e xiitas remonta ao século VII e tem origem na disputa sobre a sucessão do Profeta. Os sunitas defendiam que o chefe do Estado muçulmano deveria reunir virtudes como honra, respeito pelas leis e capacidade de trabalho. Qualquer fiel poderia ser o líder, desde que fosse aceito pela comunidade muçulmana. Os xiitas defendiam que a chefia do Estado muçulmano só poderia ser ocupada por alguém que fosse descendente da linhagem familiar do profeta Maomé ou que possuísse algum vínculo de parentesco com ele. Nos séculos seguintes, essa divisão passou a incluir também agravos e diferenças teológicas.

Os sunitas são a grande maioria, mais de 80%, dos muçulmanos no mundo. Os xiitas são maioria apenas no Irã, no Iraque e no Azerbaijão; nos dois primeiros, os presidentes são dessa ramificação. Os alauítas são uma variação moderada dos xiitas, presentes sobretudo na Síria, tendo o presidente Bashar al-Assad como um dos seus seguidores.

O grupo guerrilheiro Hezbollah é de orientação xiita. O Hamas e a Al-Qaeda, por sua vez, são sunitas. O Estado Islâmico (EI) também é sunita e luta pelo retorno do califado islâmico. O último califado foi o Império Otomano, abolido pelo nacionalista e secular líder turco Mustafa Kemal Atatürk em 1924.

O califado é uma forma de governo centrada na figura do califa, que seria um sucessor da autoridade política do profeta Maomé, com atribuições de chefe de Estado e líder político do mundo islâmico.

Mundo Árabe e Oriente Médio

A civilização árabe tem origem na península Arábica. No século VII, as tribos da região unificaram-se em torno da língua árabe e do Islamismo. A partir da unificação, os árabes formaram um vasto império que se expandiu até a Índia, o norte da África e a península Ibérica, com apogeu em 750 d.C. O mundo árabe ocupa a área que vai do oceano Atlântico ao golfo Pérsico, abrangendo o norte da África e boa parte do Oriente Médio (veja no mapa a seguir).

Os contornos dos atuais países existentes no mundo árabe são, até certo ponto, arbitrários e resultam do domínio das potências estrangeiras sobre a região no início do século XX. Com fortes interesses no controle das grandes reservas de petróleo, governos estrangeiros negociaram a independência de suas colônias ou áreas sob seu controle para que fossem governadas por aliados ou colaboradores.

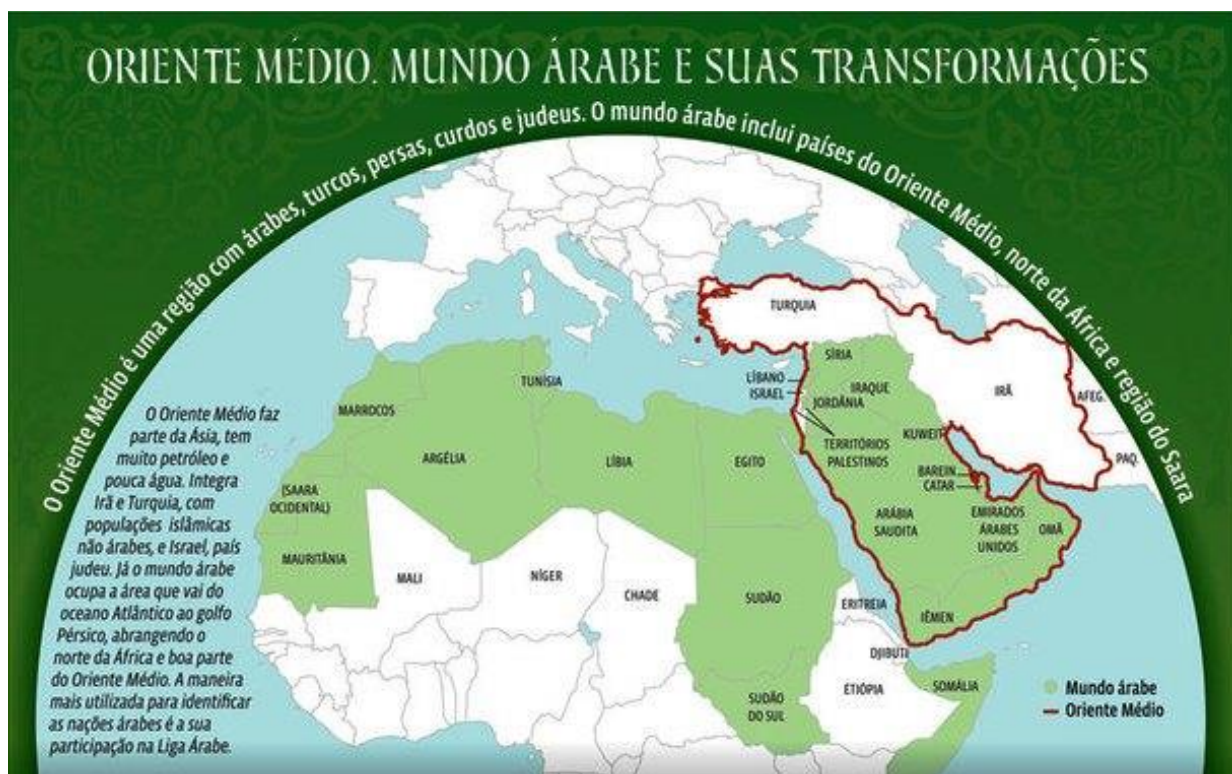
O Oriente Médio não deve ser confundido com o mundo árabe. É uma região que faz parte da Ásia, tem muito petróleo e pouca água. Integra Irã e Turquia, com populações islâmicas não árabes, e Israel, país judeu.



Os curdos habitam vários países do Oriente Médio, região onde também vivem várias minorias, como os assírios e os caldeus.

Mas não é em todo o Oriente Médio que há petróleo. O óleo está bastante concentrado em reservas na região do Golfo Pérsico e na Mesopotâmia.

Irã e Arábia Saudita são rivais, disputam hegemonia e influência no Oriente Médio. Possuem diferenças étnicas e religiosas: os iranianos são persas e muçulmanos xiitas, os árabes são sunitas. Essas diferenças fazem com que apoiem governos e grupos armados de acordo com a orientação religiosa de cada país. Como exemplo, temos a Síria, onde o Irã apoia o governo do xiita Assad e a Arábia Saudita apoia grupos rebeldes sunitas, e também o Iêmen, onde o Irã apoia os houthis (xiitas) e a Arábia Saudita grupos sunitas ligados ao ex-presidente Hadi.



A Primavera Árabe

Em 2011, o mundo árabe se viu diante de uma série de revoltas populares, que ficaram conhecidas como Primavera Árabe, em alusão à Primavera de Praga. O palco dos conflitos foi a África do Norte e o Oriente Médio, região formada por países de maioria árabe e muçulmana. As revoltas ocorreram em países com regimes autoritários e tiveram como resultado a deposição dos ditadores da **Tunísia**, **Egito**, **Líbia** e **Iêmen**. Na **Síria**, a revolta se transformou em uma sangrenta **guerra civil**.

A Tunísia foi onde se iniciou a Primavera Árabe, com a Revolução de Jasmim, sendo o único país em que a revolta popular alcançou o objetivo da democracia. Nos demais países onde os ditadores foram derrubados



– Egito, Líbia e Iêmen – a Primavera se transformou num tenebroso “Inverno Árabe”, além da Síria, que descambou para a guerra civil.

O fundamentalismo Islâmico

Ainda que o fundamentalismo esteja atualmente muito associado aos islâmicos, grupos fundamentalistas existem em todas as religiões. Os agrupamentos políticos fundamentalistas buscam impor seus dogmas religiosos como base da organização do Estado e da sociedade. É uma posição obscurantista, que recusa a democracia e se opõe à perspectiva secular adotada desde a Revolução Francesa (1789), quando os negócios de Estado se separaram das convicções religiosas.

A enorme maioria dos adeptos da religião islâmica é constituída por pessoas comuns que professam uma crença religiosa. Por isso é um erro grave, que tem origem em preconceito religioso ou social, associar grupos terroristas que dizem agir em nome do Islamismo com os hábitos e crenças das populações muçulmanas em geral.

O fundamentalismo islâmico é contrário ao Estado democrático e laico, e sua perspectiva é a do Estado teocrático, como no Irã, onde o chefe do Estado é o líder religioso supremo, o aiatolá. Defendem a implantação da **Sharia** – o conjunto de leis e códigos de conduta extraídos do livro sagrado, o **Alcorão**, e da **Suna** (obra que narra a vida e os caminhos de Maomé), como lei, rejeitando o princípio da separação entre religião e Estado.

O fundamentalismo islâmico é a fonte inspiradora de vários grupos armados e terroristas do mundo islâmico, que lutam pela tomada do poder nos países em que atuam. Os mais conhecidos são a Al-Qaeda, o Estado Islâmico e o Boko Haram.

Al Qaeda

O saudita Osama bin Laden fundou a Al-Qaeda em 1988, no Afeganistão, quando lutava ao lado dos guerrilheiros islâmicos contra a ocupação soviética, com equipamentos e recursos vindos das potências ocidentais, principalmente dos Estados Unidos. Mas, após a Guerra do Golfo, em 1990, quando tropas lideradas pelos EUA atacaram o Iraque, a jihad (guerra santa) da Al-Qaeda passa a ter como inimigo o Ocidente, em especial os Estados Unidos, devido à sua crescente presença militar no Oriente Médio.

Na década de 1990, Bin Laden foi responsabilizado por vários ataques terroristas a alvos norte-americanos, até realizar o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, contra os EUA. Então, Bin Laden ganhou fama mundial. Vários grupos anunciaram sua ligação com a Al-Qaeda, o que permitiu ao grupo expandir seu alcance para se tornar uma rede terrorista com ramificações internacionais.

Na última década, porém, a Al-Qaeda Central (AQC), no Afeganistão e no Paquistão, foi duramente atingida pelas ações militares dos EUA. O trabalho de espionagem e os ataques com drones mataram seus líderes e reduziram sua capacidade de ação e comunicação com as “filiais”. A morte de Bin Laden por uma equipe da Marinha dos EUA, em 2011, enfraqueceu o grupo.



Estado Islâmico

A origem do Estado Islâmico está na invasão do Iraque pelos Estados Unidos, em 2003. Naquele ano, foi fundada a “Al Qaeda no Iraque”, para lutar contra a invasão norte-americana no país.

O grupo espalhou o terror contra as forças de ocupação e os xiitas, até ser praticamente aniquilado após a morte de seu comandante, Abu Musab al-Zarqawi, em 2006. Rebatizado Estado Islâmico do Iraque (EII), o grupo renasceu a partir de 2010 sob um novo líder, Abu Bakr al-Baghdadi.

O vácuo de segurança criado pela retirada militar dos EUA, o clima de revolta dos sunitas com o governo pró-xiita do Iraque e o caos da guerra civil síria criaram condições para que o EI prosperasse. Ao expandir as atividades para a Síria, onde infiltrou militantes para abocanhar dinheiro e armas, recrutar guerrilheiros e instalar bases, em 2013, o grupo mudou o nome para Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIL). E, após dominar territórios no norte da Síria e do Iraque, o grupo anunciou a criação de um Califado, em junho de 2014, autodenominando-se Estado Islâmico (EI).

O Califado é uma referência aos antigos impérios islâmicos surgidos após a morte de Maomé, que seguiam rigorosamente a Sharia, a lei islâmica – dos quais o mais notório é o Império Árabe. O califa, considerado sucessor do profeta, é a autoridade política e religiosa máxima. Al-Baghdadi foi proclamado o califa do EI.

O grupo se expandiu conquistando territórios no Iraque e na Síria, e consolidou-se como a mais poderosa organização extremista islâmica em atividade.

Nas áreas que conquistou, o EI assumiu o controle sobre bases militares, bancos, hidrelétricas e campos de petróleo e instaurou um governo próprio, com ministérios, cortes islâmicas e aparato de segurança. A cobrança de taxas e impostos, junto com a venda ilegal de petróleo, os sequestros e as extorsões, garantiam ao grupo recursos para se autofinanciar.

No plano social, o código moral é severo. Um traço marcante do EI é o emprego de táticas tão bárbaras que até a Al-Qaeda o renegou. O grupo promoveu execuções em massa, às vezes contra comunidades inteiras, e mortes coletivas por crucificação, decapitação e enforcamento. Além de ser uma estratégia de guerra, visando submeter populações locais pelo terror, a violência indiscriminada, também direcionada aos “infiéis” (minorias étnicas e religiosas e ocidentais), constituiu-se numa mensagem poderosa para atrair muçulmanos desiludidos de todas as partes do mundo, inclusive do Ocidente, que passaram a lutar em suas fileiras e aniquilar inimigos do islã com a promessa da salvação.

Mais de 30 grupos extremistas islâmicos sunitas de vários países da África e Ásia juraram lealdade ao autoproclamado califa do Estado Islâmico. Esses grupos cometeram uma série de atentados terroristas, principalmente na Líbia, na Tunísia, no Egito, no Iêmen e no Afeganistão.

O Estado Islâmico também se notabilizou pela destruição de esculturas, monumentos, palácios e templos do patrimônio cultural e arqueológico de cidades históricas do Iraque e da Síria, nas áreas conquistadas. O EI justificou a destruição dizendo que as obras cultuavam outras divindades e por isso eram demoníacas, ferindo, portanto, os princípios do Islã.

O EI é bastante ativo na internet. Utiliza intensamente a web para divulgar suas atividades, recrutar novos combatentes e invadir sites de organizações governamentais e privadas.



Os métodos, as práticas e as mensagens dessa organização causaram grande perplexidade no mundo e o EI passou a ser combatido por forças regionais e locais, apoiadas pelos Estados Unidos e outros países. Aos poucos foi perdendo as vastas áreas territoriais que tinha conquistado no Iraque e na Síria. Na atualidade, não controla mais nenhum território, nenhuma cidade, foi praticamente extinto enquanto força militar e política nesses dois países.

Com o revés em combates no terreno, o Estado Islâmico passou a realizar atentados terroristas em vários países europeus e nos Estados Unidos. A grande maioria desses atos terroristas foram realizados pelos chamados “lobos solitários”, nome dado a terroristas que, autonomamente, perpetraram atentados individuais, menos letais, mas mais difíceis de serem detectados pelas forças de segurança. Geralmente são pessoas que, quando se radicalizaram, residiam no país em que cometeram o atentado. Ou eram nascidos no país, portanto, nacionais, ou residiam legalmente no país. Não são terroristas que foram treinados pelo Estado Islâmico em seus campos de treinamento.

Exemplos de atentados com estas características são os seguintes: roubo de caminhões ou van; atropelamento de pessoas em lugares movimentados na cidade onde cometeram o atentado; ou, ainda, ataque e morte de pessoas a facadas.

Muitos combatentes do Estado Islâmico, que combateram na Síria e no Iraque, que eram provenientes de outros países, com a derrota do grupo, retornaram para os seus países, deixando uma preocupação de que possam fomentar o terrorismo, o radicalismo e cometerem atentados terroristas nesses países.

Um exemplo disso seriam os atentados terroristas de 21 de abril de 2019, domingo de Páscoa, no Sri Lanka, um país da Ásia. Bombas explodiram em hotéis de luxo e três igrejas católicas deixando pelo menos 359 mortos e mais de 500 feridos. Para o governo do país os atentados foram realizados por um grupo islâmico local. Porém, devido a sofisticação dos ataques teriam recebido ajuda externa na sua preparação. O Estado Islâmico reivindicou a autoria dos atentados terroristas.

Abu Bakr al-Baghdadi, morreu durante uma operação militar dos Estados Unidos, na província de Idlib, no noroeste da Síria, em 27 de outubro de 2019. Baghdadi fugiu por um túnel no imóvel onde se encontrava, sendo perseguido por cachorros, encurralado explodiu um colete. Parte do túnel desabou. Três crianças que estavam com ele, também morreram.

Boko Haram

Boko Haram significa “educação ocidental é pecado”. Atua na Nigéria e realiza incursões no Chade, Níger e Camarões. Criado em 2002, na Nigéria, desde 2009 pratica atos de violência com o objetivo de impor nesse país uma versão mais radical da Sharia (a lei islâmica), que veta a adoção de vários aspectos da cultura ocidental, como a educação laica. A maioria dos muçulmanos não concorda com essa visão do grupo. O Boko Haram, que era aliado da rede terrorista Al-Qaeda, vinculou-se em 2015 ao Estado Islâmico.

Al-Shabaab

Al-Shabab significa, em árabe, 'A Juventude'. Fundado em 2004, o grupo é filiado à rede Al-Qaeda e atua na Somália. A partir de 2013, o grupo passou a ser mais conhecido em função do atentado que cometeu em um shopping center em Nairóbi, capital do Quênia.



Nas áreas sobre seu controle, impôs uma versão rígida da sharia (lei islâmica), desde o apedrejamento até a morte das mulheres acusadas de adultério, passando pela amputação dos acusados de roubo.

Desde 2007, uma força de paz composta por vários países da União Africana (UA) atua ao lado de forças do governo somali no combate ao Al-Shabaab, o que tem imposto várias derrotas e enfraquecido a milícia.

Taleban

Também chamado de Talibã, Talebã ou Taliban, são muçulmanos sunitas. Estiveram no poder no Afeganistão, onde governaram o país de 1996 a 2001. Após os atentados de setembro de 2001, nos Estados Unidos, foram acusados de dar proteção a Osama Bin Laden, que se escondia no Afeganistão. Os norte-americanos lideraram uma força internacional que combateu a milícia e os retirou do poder. Mas, no ano de 2021, com a retirada das tropas norte-americanas do país, o Taleban voltou ao poder.

A guerra civil na Síria

A guerra civil na Síria completou nove anos em março de 2020. O conflito começou como um levante pacífico contra o regime do presidente Bashar al-Assad, em março de 2011. Nos meses seguintes, as manifestações se sucederam, sendo duramente reprimidas pelo governo.

Em muitas ocasiões, as forças do governo abriram fogo contra a multidão que protestava. Dezenas de manifestantes morreram nos protestos. Diante da dura repressão, civis opositores e soldados desertores se organizaram em diversos grupos armados com o objetivo de se defender das forças do regime.

Em pouco tempo, as brigadas rebeldes passaram a lutar contra as forças de segurança pelo domínio de seus territórios. Em agosto de 2011, surge o Exército Livre da Síria (ELS), dirigido pela oposição moderada, que iniciou os combates contra as forças de Assad. Tinha início, assim, a guerra civil que engolfou o país e gerou grande instabilidade no Oriente Médio, com reflexos em todo o planeta.

Com o tempo, a disputa adquiriu contornos sectários, opondo muçulmanos sunitas (maioria da população síria) a alauítas, ramo do islamismo xiita ao qual pertence Assad. O caráter religioso do confronto arrastou potências regionais para ele, dando-lhe uma nova dimensão. A disputa rapidamente ganhou escala e adquiriu uma complexa feição.

Confira a seguir as principais forças participantes do conflito:

Governo Sírio – De um lado está o regime sírio, liderado pelo ditador Bashar al-Assad, que luta para se manter no poder. Desde 1970, quando seu pai deu um golpe de Estado, a família Assad comanda no país um regime brutal de partido único, o Baath. Apesar de serem alauítas, os Assad mantêm um regime laico, que separa a religião do Estado. As minorias cristãs e alauítas e parte da elite sunita apoiam Assad.

Grupos Rebeldes – Os sunitas foram uma das primeiras forças a se alinhar contra o regime. Eles se dividem em dezenas de grupos, com agendas distintas, mas com um objetivo em comum: depor Assad e ocupar o poder. Entre os chamados “rebeldes moderados”, que recebem esse nome por não serem adeptos do radicalismo islâmico, a maior expressão é o Exército Livre da Síria (ELS).



Extremistas Islâmicos – Além dos “rebeldes moderados”, jihadistas (combatentes islâmicos) fragmentados em várias facções também querem derrubar Assad. Os principais grupos são o Estado Islâmico (EI) e a Fatah Al-Sham (ex-braço sírio da Al Qaeda). Além de combater as tropas do regime de Assad, os extremistas islâmicos também se opõem aos “rebeldes moderados”.

Curdos – Esse povo é uma etnia apátrida (sem Estado e território próprios). Eles vivem em diversos países, inclusive na Síria, e reivindicam a criação de um Estado para o seu povo – o Curdistão. Desde o início do conflito na Síria, uma milícia chamada Unidade de Proteção do Povo (YPG) foi formada para defender as regiões habitadas pelos curdos no norte do país e se fortaleceu tanto que hoje toma conta de um grande território perto da fronteira turca.

Para o regime de Assad, tornaram-se bastante úteis, porque a milícia se opõe tanto aos rebeldes moderados como aos extremistas do Estado Islâmico. Foram apoiados pelos Estados Unidos na sua luta contra o Estado Islâmico, mas não no pleito de criação do seu país.

A intervenção estrangeira

Além das forças internas envolvidas no conflito, a Guerra da Síria se transformou em um intrincado tabuleiro geopolítico, a partir do envolvimento de outras nações. Mas nem sempre é claro perceber qual é o interesse de cada uma das potências envolvidas.

O **governo da Síria** é apoiado pela **Rússia**, pelo **Irã** e pelo grupo xiita libanês **Hezbollah**. A Rússia é uma aliada histórica da Síria, a quem sempre prestou apoio diplomático e militar. A única instalação militar russa no Mediterrâneo é a base naval de Tartus, no litoral sírio. E os russos não querem correr o risco de perdê-la caso Assad seja alijado do poder.

Além disso, a Rússia quer reconquistar um papel relevante no Oriente Médio e voltar a ser encarada como uma superpotência global, recuperando o protagonismo perdido após a dissolução da União Soviética. Vencer a guerra ao lado de Assad pode ajudar nesse objetivo.

O Irã é o principal aliado de Assad no Oriente Médio e tradicional adversário da Arábia Saudita e Israel. A ele se soma a milícia libanesa Hezbollah – financiada pelo regime de Teerã. Ambos são xiitas e se opõem historicamente aos EUA e a Israel. Ao Irã interessa ter um aliado em Damasco que lhe facilite acesso ao Líbano, base dos guerrilheiros do Hezbollah, e ao Mar Mediterrâneo, local estratégico do ponto de vista comercial e militar.

A Arábia Saudita, nação muçulmana de maioria sunita, é uma forte opositora do regime sírio. O motivo é simples: Assad é apoiado pelo Irã, rival histórico dos sauditas na região. Os sauditas, aliados históricos dos EUA, temem que a permanência de Assad no poder fortaleça a influência do Irã na Síria e no Líbano.

Os **EUA** e as **potências europeias** se posicionam contra Assad. Contudo, a prioridade dos norte-americanos era a de derrotar os terroristas do Estado Islâmico, objetivo que foi alcançado armando e apoiando grupos na região e com ataques aéreos ao EI.

A **Turquia** era aliada de Assad antes do conflito, com a guerra se colocou contra o ditador. O regime turco apoia tanto os rebeldes sunitas moderados como os mais radicais, ligados à Al Qaeda.



Por que a Guerra está durando tanto?

Um fator chave para a longevidade da guerra é justamente a intervenção de potências regionais e internacionais. O apoio militar, financeiro e político tanto para o governo quanto para a oposição tem contribuído diretamente para a longevidade do conflito e transformou a Síria em campo para uma guerra indireta.

A intervenção externa também é responsabilizada por fomentar o sectarismo no que costumava ser um Estado até então secular (imparcial em relação às questões religiosas). As divisões entre a maioria sunita e a minoria alauita no poder alimentou atrocidades de ambas as partes, não apenas causando a perda de vidas, mas também a destruição de comunidades, afastando a esperança de uma solução pacífica.

Tragédia humanitária

O enviado da Organização das Nações Unidas (ONU) para a Síria, Steffan de Mistura, estimou que a guerra já matou mais de 400 mil pessoas. Para a organização Observatório Sírio de Direitos Humanos, sediada em Londres, a cifra de mortos passa de 465 mil. Já o Centro Sírio para Pesquisa de Políticas, outro grupo de estudos, calcula que o conflito já tenha causado a morte de mais de 470 mil pessoas.

A ONU também considera o conflito como “a maior crise humanitária do século XXI”. Por causa da guerra, mais de 5 milhões de pessoas tiveram que fugir do país - a maioria mulheres e crianças. São os **refugiados**. Além deles, outros 6,5 milhões foram deslocados pelo interior da Síria. O total de 11,5 milhões de pessoas forçadas a sair de suas casas equivale à metade da população do país. Os refugiados foram principalmente para a Turquia, o Líbano e a Jordânia. Cerca de 10% deles buscaram refúgio na Europa, provocando divisões entre os países do bloco europeu sobre como dividir essas responsabilidades.

Situação atual

A guerra civil ainda não terminou. O regime de Bashar al-Assad, que exerce o controle de grande parte do território sírio habitado e onde se produz economicamente, é o vitorioso. O apoio da Rússia tem sido determinante para a vitória do regime sírio. Os grupos de oposição estão enfraquecidos, mas ainda controlam algumas áreas do país.

O Estado Islâmico está derrotado. Não controla mais nenhuma cidade ou localidade do país. Raqqa, que era a sua capital na Síria, foi conquistada pelas Forças Democráticas da Síria (FDS), uma aliança entre curdos e grupos armados árabes.

Os curdos exercem o controle do Curdistão sírio e de algumas outras regiões do país.

Iraque

O Iraque é um país muito instável, mergulhado em disputas políticas e religiosas. A maioria da população do Iraque é xiita, os sunitas são minoritários. O nordeste do país é habitado por curdos. A democracia do país é frágil. O governo de maioria xiita privilegia este segmento da população, o que acirra as tensões com os



sunitas e curdos. O Curdistão iraquiano é uma região com grande autonomia política e administrativa, mas os curdos almejam a independência.

Em 2003, os Estados Unidos invadiram o Iraque e derrubaram do poder Saddam Hussein, da minoria sunita, permanecendo com suas tropas no país até 2011, quando se retiraram. A queda Saddam Hussein levou ao ressurgimento de antigas disputas políticas internas, que ficaram abafadas pelo seu regime ditatorial e sanguinário.

Assim como na Síria, aproveitando-se do caos institucional e das rivalidades entre sunitas e xiitas, o Estado Islâmico conquistou vastas áreas do território iraquiano em 2014 e 2015. No entanto, a partir de 2016, o governo iraquiano, apoiado pelos Estados Unidos, curdos iraquianos, milícias xiitas e sunitas, reorganizou-se e reagiu conquistando todas as áreas que estavam sob controle do Estado Islâmico, que foi derrotado no Iraque. Um dos símbolos dessa retomada foi a conquista de Mossul, a segunda maior cidade do país, que permaneceu sob controle do grupo de 2014 a julho de 2017.

Mesmo com a vitória sobre o Estado Islâmico, as tropas norte-americanas permaneceram no país. Contudo, com o assassinato do general iraniano Qassem Soleimani, em janeiro de 2020, o Iraque exigiu a retirada dessas tropas do país - o Iraque é um dos principais aliados do Irã na região do Oriente Médio. Em resposta, o presidente Donald Trump ameaçou impor sanções econômicas contra o Iraque e cobrar do país o investimento feito em bases militares.

Após conversas e negociações, os dois países chegaram a um acordo para manter as tropas no país, por "motivos de segurança". Atualmente, estão no Iraque, cerca de 5.200 militares norte-americanos.

Curdistão

Os curdos constituem a maior etnia sem Estado. As estimativas demográficas variam entre 25 milhões e 40 milhões de curdos espalhados por uma área contínua de 500 mil quilômetros quadrados que abrange territórios da Turquia, do Iraque, da Síria, do Irã, da Armênia e do Azerbaijão (veja no mapa a seguir). A construção do seu próprio país é um histórico desejo desse povo.

A etnia curda baseia sua identidade em uma língua e cultura em comum, de uma população que sempre habitou aquela região resistindo à ocupação tribal dos árabes. Embora sejam, em maioria, muçulmanos, os curdos não são identificados com uma religião específica.

A questão da independência curda surge nos tratados assinados após o fim da Primeira Guerra Mundial. Em 1923, o Tratado de Lausanne foi assinado pelos vencedores do conflito, liderados pelo Reino Unido e França. Nele são desenhadas as fronteiras modernas do Oriente Médio, no que antes representava o Império Otomano, sem que a população curda recebesse um território para si.

Desde então, os governos dos Estados constituídos se opõem à criação do Curdistão. Um dos grandes motivos é o petróleo: grande parte das reservas da Turquia e da Síria, bem como um quarto das reservas do Iraque, estão em terras que os curdos reivindicam para si.



O projeto de um Estado curdo ganhou força no final do século XX, sobretudo na Turquia e no Iraque, países nos quais o movimento foi violentamente reprimido. A resistência dos curdos no Iraque e na Síria contra o Estado Islâmico e as várias derrotas que infligiram ao grupo deu mais força à ideia de um Estado independente para esse povo.

No Iraque, os curdos gozam de grande autonomia na região do Curdistão iraquiano. Contam, inclusive, com um exército próprio. Em 2017, realizaram um plebiscito (apenas na região curda) que decidiu pela independência do Curdistão iraquiano, com apoio de 92% dos eleitores, o que não foi reconhecido pelo Iraque. No Irã, os curdos expressam sua identidade cultural livremente, mas os direitos de governo e autoadministração são negados.

Na Síria, habitam a região multiétnica de Rojava, na fronteira com a Turquia. Não possuem autonomia política, mas conquistaram uma autonomia de fato, em função da resistência e por serem decisivos na derrota do Estado Islâmico.

Na Turquia, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), desenvolvia a luta armada contra o Estado turco. Em 2013, o partido declarou um cessar-fogo. Contudo, em julho de 2015, o governo da Turquia atacou redutos do PKK no Curdistão iraquiano, próximo à fronteira turca. O PKK reagiu e as hostilidades se sucederam de lado a lado.

O principal partido político, o PYD (Partido da União Democrática), e a principal força armada, a YPG (Unidades de Proteção do Povo), dos curdos sírios são aliados do turco PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão).

A Turquia não vê com simpatia o fortalecimento dos curdos na Síria e teme a influência deles nos movimentos separatistas e autonomistas dos curdos da Turquia. Em janeiro de 2018, o exército turco chegou a realizar bombardeios aéreos e a avançar colunas de tanques, infantaria e peças de artilharia numa zona de 30 quilômetros para dentro do território sírio, por uma extensão de 400 quilômetros, forçando um recuo curdo na região. Foi uma manobra para criar uma “zona segura” evitando qualquer contato e movimentação entre o YPG e o PKK na área.

Em outubro de 2019, a Turquia iniciou uma nova operação de ataque aos curdos, invadindo novamente a região da fronteira com a Síria. O motivo alegado pela Turquia é o mesmo de 2018, o estabelecimento de uma zona segura, entre a fronteira com a Turquia e o interior da Síria, livre do controle da milícia curda do YPG.

Os curdos foram os principais aliados dos Estados Unidos no combate ao Estado Islâmico. No início de outubro de 2019, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ordenou a retirada das tropas americanas, de cerca de 1.000 militares, do norte da Síria, na região curda. Esses militares assessoravam o YPG e não eram importantes pelo seu número, que era pequeno, mas sim pelo significado do apoio e de uma certa proteção da maior potência militar do mundo aos curdos sírios. A saída dos efetivos norte-americanos abriu o caminho para a incursão das forças armadas da Turquia no norte da Síria.





Fonte: Dictionnaire de Geopolitique

Iêmen

O Iêmen está em uma guerra civil desde 2014. A população é dividida em 56% de sunitas e 44% de xiitas. O país é pobre – 80% dos cidadãos dependem de assistência humanitária, de acordo com as Nações Unidas –, mas tem localização geopolítica privilegiada. Ele fica na rota de escoamento de petróleo bruto e na fronteira com a Arábia Saudita, que é uma das maiores potências econômicas e militares do Oriente Médio.

No conflito atual, opõe-se, de um lado, os rebeldes houthis (xiitas) apoiados pelo Irã, e do outro, grupos ligados ao atual presidente Abdrabbuh Mansour Hadi, apoiado pela Arábia Saudita.

O Iêmen foi um dos países sacudidos pela Primavera Árabe. Os protestos levaram à saída do então presidente Ali Abduillah Saleh, em 2012, que governava o país desde 1978. No seu lugar, assumiu como presidente o então vice-presidente Abd Rabbo Mansur Hadi.

Os rebeldes xiitas houthis, que participaram dos protestos da Primavera Árabe em 2011, contra o então presidente, aproveitaram-se de um vácuo no poder para expandir seu controle territorial por regiões do país. Em setembro de 2014, conquistaram a capital, Sanaa. No início de 2015, o presidente Abd Rabbo Mansur Hadi foi forçado a fugir para outra cidade do Iêmen e depois para a Arábia Saudita. Os houthis dissolveram o Parlamento e formaram um conselho presidencial para governar.

Em março de 2015, a Arábia Saudita passou a liderar uma aliança de países sunitas para conter o avanço dos houthis. A aliança tem o apoio dos Estados Unidos e faz bombardeios aéreos constantes às áreas dominadas



pelos rebeldes. No entanto, até hoje não conseguiu recapturar Sanaa. Em resposta os houthis, lançam ataques com mísseis contra o território saudita.

Além dos houthis, apoiados pelo Irã, e do presidente Hadi, apoiado pela Arábia Saudita, a disputa de poder no Iêmen inclui tribos sunitas, a Al-Qaeda e até o Estado Islâmico.

Em setembro de 2019, duas grandes instalações petrolíferas da Arábia Saudita foram alvo de um ataque com drones, o que levou a redução pela metade da produção de petróleo saudita nos dias seguintes, o que significou uma redução de 5% na produção mundial de petróleo. A Arábia Saudita é o maior exportador mundial de petróleo.

Os houthis disseram ter mobilizado 10 drones para fazer o ataque. A Arábia Saudita e os Estados Unidos acusaram o Irã de ter sido o responsável pelos ataques e de que ele não teria partido do Iêmen. O Irã negou qualquer envolvimento no ataque.

Independente da autoria, o ataque revelou a fragilidade da segurança das instalações petrolíferas sauditas em caso de ataques militares e até onde poderá chegar à tensão no Oriente Médio em caso de um conflito militar entre o Irã e aliados versus a Arábia Saudita e aliados.

Irã

O Irã ocupa lugar central no xadrez do Oriente Médio. O regime define-se desde a Revolução de 1979 como uma república islâmica e segue a vertente xiita do Islamismo. Posiciona-se frontalmente contra Israel e é aliado do regime sírio de Bashar al-Assad, exercendo também influência sobre partidos xiitas que estão no governo do Iraque. Dessa forma, busca formar um arco xiita de poder, centrado na oposição a Israel e às monarquias sunitas do Golfo Pérsico, como a Arábia Saudita.

Desde 2003, a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), os Estados Unidos e países europeus tentavam impedir o avanço do programa nuclear iraniano. Eles acusavam o país de desenvolver a tecnologia de enriquecimento de urânio com a intenção de fabricar armas nucleares. O Irã negava.

A ONU exigia que o Irã parasse de enriquecer urânio e autorizasse o acesso irrestrito da AIEA às suas instalações. Diante da negativa do Irã, foram aprovadas quatro rodadas de sanções econômicas contra o país, entre 2006 e 2010.

Os EUA e a União Europeia, em 2011, decretaram o embargo ao petróleo iraniano e punições financeiras contra nações que compravam petróleo do país. Foram também estabelecidas sanções contra o sistema bancário do Irã. O embargo levou à queda expressiva nas exportações de petróleo iraniano, comprometendo a obtenção de divisas externas e sufocou a economia do país.

Em 2015, o Irã e o grupo de países denominado de 5+1 (EUA, França, Reino Unido, Rússia e China + Alemanha) chegaram a um acordo sobre o seu programa nuclear. O acordo limitou e condicionou o programa, de forma que não fosse possível ao país desenvolver armas nucleares, em troca da retirada das sanções internacionais que asfixiavam a sua economia. O acordo autorizou o Irã a prosseguir com um programa nuclear civil e abriu o caminho para uma normalização da presença do país no cenário



internacional. O Irã também concordou que a AIEA passasse a realizar inspeções regulares e profundas em suas instalações, de modo a verificar o cumprimento do acordo.

Em maio de 2018, os Estados Unidos anunciaram a sua retirada do acordo. Desde quando era pré-candidato a presidente, Donald Trump vinha criticando o texto, articulado pelo antecessor Barack Obama.

Com a saída do acordo, os EUA retomaram a aplicação de sanções econômicas ao Irã em seu mais alto nível. Por essas sanções, empresas privadas e cidadãos norte-americanos ficam proibidos de realizar qualquer negócio com o Irã (governo, empresas e cidadãos). Outros países (governo, empresas e cidadãos) que realizarem negócios com o governo, empresas e cidadãos iranianos podem ser punidos com a proibição da realização de negócios nos Estados Unidos. Dessa forma, entre o Irã e a maior economia do mundo, é óbvio que a preferência será pelos norte-americanos. Assim, as sanções têm causado grandes prejuízos a economia iraniana.

Os demais países e o Irã continuam no acordo. Porém, a economia iraniana tem sofrido com as sanções econômicas americanas. O país, em função disso, tem crescentemente violado restrições no acordo sobre o seu programa nuclear.

As tensões se elevaram entre o Irã e os Estados Unidos, após a saída norte-americana do Acordo. O ano de 2019, foi de acirramento de acusações entre as partes e movimentos militares, que quase desembocam em um conflito bélico direto.

Em junho de 2019, dois navios petroleiros – um japonês e o outro norueguês -, foram danificados no Golfo de Omã. O governo norte-americano responsabilizou o Irã pelo ataque, que negou o ocorrido. Em maio, os Estados Unidos já haviam acusado o regime em Teerã de estar por trás de ataques a dois petroleiros sauditas no Golfo Pérsico.

Na sequência, o Pentágono anunciou o envio de cerca de mil militares norte-americanos a mais para a região do Golfo, e o presidente, Donald Trump, ameaçou “aniquilar o Irã” em sua conta no Twitter.

Ainda no mês de junho, a Guarda Revolucionária do Irã abateu um drone dos EUA no Golfo Pérsico, alegando que o mesmo teria invadido o espaço aéreo iraniano. Washington negou que o veículo aéreo não tripulado invadira o espaço aéreo iraniano. Em retaliação, os norte-americanos realizaram um ataque cibernético derrubou computadores militares do Irã.

Em setembro, instalações petrolíferas da Arábia Saudita foram alvo de um ataque com mísseis lançados por drones, elevando temporariamente os preços do petróleo. O grupo Houthi, do Iêmen, assumiu a responsabilidade pelo ataque, mas os EUA atribuíram a responsabilidade ao Irã.

Em dezembro, o ataque a uma base estadunidense no Iraque, deixou morto um funcionário terceirizado das forças armadas norte-americanas. Os EUA apontaram como responsável uma milícia xiita iraquiana apoiada pelo Irã, Kata'ib Hezbollah. Alegando resposta, os EUA proferiram ataques que mataram 24 pessoas em bases da milícia no Iraque e na Síria. Na sequência, membros da milícia iraquianos atacaram a embaixada estadunidense em Bagdá, durante 24h – não houve mortes.

Todos esses eventos contribuíram e culminaram com o assassinato do general **Qasem Soleimani**, em janeiro de 2020, por ordem de Donald Trump, em um ataque com drones perto do aeroporto da capital iraquiana, Bagdá.



O general comandava a Força Al Quds, unidade especial da Guarda Revolucionária do Irã, e apontado como o cérebro por trás da estratégia militar e geopolítica do país. Ele era muito próximo do aiatolá Ali Khamenei e sobreviveu a diversas tentativas de assassinato nas últimas décadas.

Após o ocorrido, o presidente iraniano, Hassan Rouhani, disse que o país estará mais determinado a resistir aos EUA e previu vingança. A Casa Branca alegou que o assassinato foi para evitar uma guerra e que mais americanos fossem mortos no Oriente Médio.

Em resposta, **o Irã anunciou que não mais cumprirá o acordo nuclear de 2015** - que fixava o processo de enriquecimento em 3,6% - e que sua produção não terá mais limites.

Ato contínuo, as tropas iranianas lançam mísseis contra duas bases que abrigam tropas americanas no Iraque, mas sem deixar vítimas. No mesmo dia, no Irã, cai um Boeing 737-800 da Ukraine International Airlines, matando 167 passageiros e nove tripulantes. O Irã admitiu que o abate do avião ucraniano foi acidental. Segundo militares, a defesa antiaérea o atacou por engano durante um momento de alerta máximo, logo após o ataque a alvos americanos no Iraque.

Turquia

A Turquia está localizada entre a Europa e o Oriente Médio, posição que sempre lhe conferiu um papel estratégico e histórico relevante. O país foi o centro irradiador de poder dos impérios Bizantino (330–1453) e Otomano (1281–1918). O Islamismo é a religião de 99% da população.

Alçada à condição de grande potência emergente na primeira década do século XXI, a Turquia atualmente enfrenta grandes desafios. O país foi alvo nos últimos anos de atentados terroristas do Estado Islâmico e dos separatistas curdos; vive a tensão interna entre o secularismo e a islamização; a vizinha Síria está em guerra civil e abriga milhões de refugiados sírios, que fugiram desse conflito.

As bases da Turquia moderna começaram a ser estabelecidas com a dissolução do Império Otomano, após a derrota na I Guerra Mundial, em 1918. A crise política e econômica do pós-guerra deu origem a um movimento nacionalista liderado pelo general Mustafa Kemal, que adotou o codinome de “Ataturk”, ou “pai dos turcos”.

Ataturk aboliu o califado islâmico e separou a religião islâmica do Estado. Essa separação é chamada de secularismo. A medida provocou profundas alterações na estrutura social do país. As forças políticas acompanharam a polarização na sociedade e se dividiram entre aqueles que defendiam os valores seculares de Ataturk e os favoráveis a um papel maior da religião islâmica na vida pública.

O atual presidente, Recep Tayyip Erdogan, foi primeiro-ministro entre 2003 e 2014. Como presidente, Erdogan vem adotando uma agenda autoritária, retirando poderes do Judiciário, minando a influência dos militares no país e prendendo jornalistas críticos ao seu governo.

Nos últimos anos, as ações de Erdogan para ampliar o papel do islã na vida pública dividiram o país. De um lado, uma base de eleitores conservadores e defensores do islamismo garante suporte ao presidente. Do outro, uma classe média ocidentalizada rejeita a guinada autoritária e religiosa de Erdogan.



Como guardiões do secularismo, os militares derrubaram sucessivos governantes que tinham um perfil mais religioso, nos anos de 1960, 1971, 1980 e 1997. Essa divisão da sociedade e da política e o histórico papel do exército na defesa do secularismo ajudam a entender a tentativa de golpe militar de julho de 2016. Setores leais ao presidente Erdogan frustraram a investida dos militares de tomarem o poder.

Em referendo, realizado em abril de 2017, a Turquia aprovou a substituição do sistema parlamentarista pelo presidencialista. Previstas para 2019, as eleições para o novo sistema presidencialista foram antecipadas para junho de 2018. Erdogan foi reeleito presidente e ficará no poder até 2023, desta vez como chefe de estado e chefe de governo.

Os curdos, maior etnia do mundo sem pátria, habitam o leste do país e lutam pela independência do seu território. O principal grupo separatista é o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), que iniciou a luta armada em 1984. Com o tempo, passaram a exigir apenas mais autonomia nas regiões onde vivem, e as negociações levaram a um cessar-fogo em 2013. Este foi rompido em 2015; o governo turco tem atacado alvos dos curdos na Síria, no Iraque e na Turquia.

Qatar

O Qatar é uma ex-colônia britânica que conquistou a sua independência em 1971. A partir daí, passou a estar na esfera de influência e de controle político da Arábia Saudita.

Em 1995, o então emir Khalifa, que reinava por mais de 20 anos, foi deposto por seu próprio filho, Hamad. O novo líder adotou uma nova política para o país. Ele queria ter mais liberdade perante a Arábia Saudita para poder se desenvolver economicamente, uma vez que o Qatar está localizado sobre a maior reserva de gás natural do mundo. Mas, ao mesmo tempo, por ser territorialmente insignificante, precisava se proteger dos sauditas.

A tática adotada pelo novo emir foi de buscar apoio de qualquer aliado que conseguisse. Entre eles estavam Israel, Irã, grupos islâmicos espalhados por países da região que não estavam no poder de seus países e, por fim, os próprios EUA. No país está sediada uma grande base militar e o comando militar central dos EUA no Oriente Médio, além de uma grande base militar da Turquia.

Ao mesmo tempo, desenvolveram a indústria de extração de gás natural e se tornaram o país com o maior PIB per capita do mundo. Com o Irã, rival da Arábia Saudita no Oriente Médio, dividem a exploração de gás natural no golfo Pérsico. Renomadas universidades europeias e norte-americanas instalaram campus universitários no país, que também vai sediar a Copa do Mundo de 2022.

Em 1996, o Qatar lançou a rede de notícias Al Jazeera, com um canal de TV via satélite fundada pelo governo, mas com produção independente. Dessa forma, passou a influenciar a opinião pública na região, uma vez que boa parte do Golfo Pérsico passou a ter acesso a uma fonte de notícias sem controle dos governos nacionais, acessível por meio de uma antena e da internet.

Com a Primavera Árabe em 2010 e as sucessivas quedas de governos na região, o Qatar passou a apoiar de forma mais incisiva os grupos árabes que buscavam tomar o poder em países com instabilidade interna, rivalizando com a Arábia Saudita, que sempre teve a mesma estratégia.



Com todo esse processo histórico, os qataris conseguiram equilibrar sua segurança interna e evitar um avanço saudita em seu território.

A Arábia Saudita e aliados (Bahrein, Egito, Iêmen, Emirados Árabes Unidos, ilhas Maldivas e um dos dois governos existentes na Líbia) romperam relações com o Qatar em julho de 2017. O argumento foi de que o país vem, há tempos, patrocinando grupos terroristas e trabalhando para desestabilizar a paz na região árabe. É uma alusão às boas relações do país com o Irã. O governo qatari se mostrou surpreso com o rompimento, que julgou ser “baseado em várias alegações fabricadas e em mentiras”.

Além da ruptura das relações diplomáticas, a maioria dos países fecharam o espaço aéreo, os acessos terrestres e marítimos, proibiram viagens de seus cidadãos ao Qatar e a entrada de cidadãos do Qatar nos seus países.



Islamismo

Ao lado do Cristianismo e do Judaísmo, o **Islamismo** é uma das três grandes religiões monoteístas, ou seja, que acreditam na existência de um único Deus. **Alá** (Allah, Deus em árabe). Livro sagrado: Alcorão. Seguidores da religião são conhecidos como **muçulmanos**.

Divisão em dois grandes ramos, **sunitas** e **xiitas**, remonta ao século VII e tem origem na disputa sobre a sucessão do profeta. Nos séculos seguintes, essa divisão passou a incluir também agravos e diferenças teológicas. Sunitas defendiam que o chefe do Estado muçulmano (califa) deveria reunir virtudes como honra, respeito pelas leis e capacidade de trabalho, porém, não achavam que ele deveria ser infalível ou impecável em suas ações. São a grande maioria, mais de 80% dos muçulmanos no mundo.

Xiitas defendiam que a chefia do Estado muçulmano só poderia ser ocupada por alguém que fosse descendente do profeta Maomé ou que possuísse algum vínculo de parentesco com ele. São maioria apenas no Irã, Iraque e Azerbaijão; nos dois primeiros, os presidentes são dessa ramificação. Alauítas são uma variação moderada dos xiitas, presentes, sobretudo na Síria, tendo o presidente Bashar al-Assad como um dos seus seguidores.

Mundo Árabe

Região de maioria étnica árabe e religião islâmica, remanescentes do grande Império Árabe. Sua área vai do oceano Atlântico ao golfo Pérsico, abrangendo o norte da África e boa parte do Oriente Médio.

Oriente Médio

Região que faz parte da Ásia, com muito petróleo e pouca água. Integra Irã e Turquia, com populações islâmicas não árabes, e Israel, país judeu. Os curdos habitam vários países do Oriente Médio, região onde também vivem várias minorias, como os assírios e os caldeus. Irã (persas e xiitas) e Arábia Saudita (árabes e sunitas) são rivais, disputam hegemonia e influência na região.



Primavera Árabe

Revoltas em países de população com maioria árabe e com regimes autoritários, teve como resultado a deposição dos ditadores da Tunísia, Egito, Líbia e Iêmen. Na Síria, a revolta se transformou em uma sangrenta guerra civil. Tunísia é o único país em que a revolta popular alcançou o objetivo da democracia.

Fundamentalismo Islâmico

Contrário ao Estado democrático e laico, buscam o Estado teocrático, onde o chefe do Estado é o líder religioso supremo. Defende a implantação da **Sharia** – o conjunto de leis e códigos de conduta extraídos do Alcorão e da Suna. Fonte inspiradora de vários grupos armados e terroristas do mundo islâmico, que lutam pela tomada do poder nos países em que atuam, como Al-Qaeda, Estado Islâmico, Boko Haram, Al-Shabaab e Taleban.

Al Qaeda - Fundada pelo saudita Osama bin Laden. Realizou os famosos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. A morte de Bin Laden por uma equipe da Marinha dos EUA, em 2011, enfraqueceu o grupo.

Estado Islâmico - O Estado Islâmico chegou a conquistar vastas áreas da Síria e Iraque. Foi derrotado nesses dois países, onde praticamente não controla mais nenhum território. Realizou ataques terroristas em países europeus, nos Estados Unidos e em outros continentes. O autoproclamado califa do grupo, Abu Bakr al-Baghdadi, morreu durante uma operação militar dos Estados Unidos, na província de Idlib, na Síria, em 27 de outubro de 2019.

Boko Haram - Boko Haram significa “educação ocidental é pecado”. Atua na Nigéria e realiza incursões no Chade, Níger e Camarões. Criado na Nigéria, pratica atos de violência com o objetivo de impor nesse país uma versão mais radical da Sharia (a lei islâmica), que veta a adoção de vários aspectos da cultura ocidental, como a educação laica.

Al-Shabaab - Atua na Somália, é mais um grupo que realiza bárbaros atentados terroristas em nome da sua interpretação radical do Islã e da imposição de uma versão rígida da sharia.

Taleban - Surgiu no Paquistão Estiveram no poder no Afeganistão, de 1996 a 2001. Os Estados Unidos lideraram uma força internacional que combateu a milícia e os retirou do poder. Apesar disso, o Taleban existe até hoje, controla territórios no Afeganistão e realiza bárbaros atentados terroristas no país.

Guerra Civil na Síria

Começou como um levante pacífico contra o regime do presidente Bashar al-Assad, em 2011. As manifestações se sucederam, sendo duramente reprimidas pelo governo. Com o tempo, a disputa adquiriu contornos sectários e religiosos, opondo muçulmanos sunitas (maioria da população síria) a alauítas, ramo do islamismo xiita ao qual pertence Assad.

Participam do conflito o Governo Sírio, grupos armados da oposição moderada, extremistas islâmicos e curdos. Além da Rússia, Irã, Hezbolah, países árabes, Turquia, Estados Unidos e alguns países europeus. O governo da Síria é apoiado pela Rússia, pelo Irã e pelo grupo xiita libanês Hezbollah. Os EUA e países europeus se posicionam contra Assad e apoiam grupos armados da oposição moderadas e curdos. A Arábia Saudita e países árabes de maioria sunita apoiam grupos de oposição ao regime sírio. Os curdos mantêm neutralidade no conflito, combateram e derrotaram seu principal inimigo, o Estado Islâmico. O interesse



dos curdos é a criação de um país independente. A Turquia apoia grupos de oposição ao regime e combate os curdos.

A intervenção estrangeira é um fator chave para a longevidade da guerra que se encaminha para uma vitória do regime da Bashar al-Assad, que exerce o controle de grande parte do território sírio. O Estado Islâmico foi derrotado. O apoio da Rússia tem sido determinante para a vitória do regime sírio. Grupos de oposição estão enfraquecidos, mas ainda controlam algumas áreas do país.

Iraque

País instável, mergulhado em disputas políticas e religiosas. A maioria da população é composta por muçulmanos xiitas, com uma minoria sunita. Curdos habitam o nordeste do país e almejam independência. O governo, de maioria xiita, privilegia este segmento da população, o que acirra as tensões com os sunitas e curdos.

Em 2003, os EUA invadiram o país e depuseram Saddam Hussein, permanecendo ali com suas tropas até 2011, quando se retiraram. Em 2016, voltaram ao país para combater o Estado Islâmico, que havia conquistado vastas áreas do território iraquiano em 2014 e 2015. Com apoio dos curdos iraquianos, milícias xiitas e sunitas, o Estado Islâmico foi derrotado.

As tropas norte-americanas permaneceram no país, mas, com o assassinato do general iraniano Qassem Soleimani, em 2020, o Iraque exigiu sua retirada. Os EUA responderam, ameaçando impor sanções econômicas ao país. No fim, chegaram a um acordo para manter tropas no país.

Curdistão

Curdos são a maior etnia sem Estado no mundo. Habitam uma área contínua que abrange territórios da Turquia, do Iraque, da Síria, do Irã, da Armênia e do Azerbaijão. São muçulmanos sunitas moderados. A construção do seu próprio país é um histórico desejo dos curdos.

Em busca de sua autonomia, atuam em várias frentes armadas, principalmente na Síria e na Turquia. No Iraque e na Síria, ajudaram a combater o Estado Islâmico, dando mais força à ideia de um Estado independente. O curdistão iraquiano é uma região com grande autonomia.

Iêmen

País pobre, localizado na fronteira com a Arábia Saudita, que é assolado por uma guerra civil desde 2014. A população é dividida em 56% de sunitas e 44% de xiitas. No conflito atual, opõe-se, de um lado, os rebeldes houthis (xiitas), apoiados pelo Irã, e do outro, grupos ligados ao atual presidente Abdrabbuh Mansour Hadi, apoiado pela Arábia Saudita. A disputa de poder no Iêmen inclui também tribos sunitas, a Al-Qaeda e até o Estado Islâmico.

A Arábia Saudita lidera uma aliança de países sunitas que combate os houthis.

Irã

País de vertente xiita, posiciona-se frontalmente contra Israel e é aliado do regime sírio de Bashar al-Assad, exercendo também influência sobre partidos xiitas que estão no governo do Iraque. Dessa forma, busca formar um arco xiita de poder, centrado na oposição a Israel e às monarquias sunitas do Golfo Pérsico, como a Arábia Saudita.



Em 2015, o Irã e o grupo de países denominado de 5+1 (EUA, França, Reino Unido, Rússia e China + Alemanha) chegaram a um acordo sobre o seu programa nuclear. O acordo limitou e condicionou o programa, de forma que não fosse possível ao Irã desenvolver armas nucleares, em troca da retirada das sanções internacionais que asfixiavam a economia iraniana.

Em 2018, Donald Trump retirou os EUA do acordo e retomou as sanções econômicas ao Irã em seu mais alto nível. Os demais países e o Irã continuam no acordo. Porém, a economia iraniana tem sofrido com as sanções econômicas americanas. O país, em função disso, tem crescentemente violado restrições constantes no acordo sobre o seu programa nuclear.

O ano de 2019 foi marcado por elevação das tensões entre o Irã e os EUA, com diversas acusações e movimentos militares de ambos os lados, gerando temores sobre a deflagração de uma guerra direta entre os dois países.

Os EUA culpam o Irã pela danificação de quatro navios petroleiros no Golfo de Omã, pelo abate de um drone estadunidense, e por ataques a instalações petrolíferas sauditas, além do ataque a uma base estadunidense no Iraque que matou um funcionário terceirizado das forças armadas norte-americanas.

Em resposta, a derrubada do drone militar, realizaram um ataque cibernético que derrubou computadores militares do Irã. O país também realizou ataques que mataram 24 pessoas em bases de uma milícia xiita pro-Irã no Iraque e na Síria.

Em janeiro de 2020, por ordem de Donald Trump, um ataque com drones assassinou o general **Qasem Soleimani**, perto do aeroporto da capital iraquiana, Bagdá. Qasem era o grande cérebro por trás da estratégia militar e geopolítica do Irã, e muito próximo do aiatolá Ali Khamenei. O Irã respondeu ao assassinato prometendo vingança, e anunciou **que não mais cumprirá o acordo nuclear de 2015** - que fixava o processo de enriquecimento em 3,6% - e que sua produção não terá mais limites.

Turquia

País de grande maioria islâmica e alçada à condição de grande potência emergente na primeira década do século XXI, a Turquia atualmente enfrenta grandes desafios. Nos últimos anos, as ações de Erdogan (atual presidente e ex-primeiro ministro) para ampliar o papel do islã na vida pública dividiram o país. De um lado, uma base de eleitores conservadores e defensores do islamismo garante suporte ao presidente. Do outro, uma classe média ocidentalizada rejeita a guinada autoritária e religiosa de Erdogan.

Erdogan vem adotando uma agenda autoritária, retirando poderes do Judiciário, minando a influência dos militares no país e prendendo jornalistas críticos ao seu governo. Em 2016, os militares tentaram derrubar o governo de Erdogan, mas o golpe fracassou.

Em 2017, a Turquia aprovou a substituição do sistema parlamentarista pelo presidencialista. Erdogan foi reeleito presidente e ficará no poder até 2023, desta vez como chefe de estado e chefe de governo.

Os curdos habitam o leste do país e lutam pela independência do seu território. O governo turco tem atacado alvos dos curdos na Síria, no Iraque e na Turquia.

Qatar

País que esteve por muito tempo sob influência e controle político da Arábia Saudita, o Qatar desenvolveu uma milionária indústria de extração de gás natural, que alavancou o crescimento econômico do país que possui o maior PIB per capita do mundo.



A Arábia Saudita e alguns países aliados romperam relações com o Qatar em julho de 2017. O argumento foi de que o país vem, há tempos, patrocinando grupos terroristas e trabalhando para desestabilizar a paz na região árabe. É uma alusão às boas relações do país com o Irã. O governo qatari se mostrou surpreso com o rompimento, que julgou ser “baseado em várias alegações fabricadas e em mentiras”.

Além da ruptura das relações diplomáticas, a maioria dos países fecharam o espaço aéreo, os acessos terrestres e marítimos, proibiram viagens de seus cidadãos ao Qatar e a entrada de cidadãos do Qatar nos seus países.



A QUESTÃO ISRAEL-PALESTINA

A Palestina, uma região historicamente disputada, corresponde aos territórios do Estado de Israel, Cisjordânia e Faixa de Gaza. Conforme a tradição Bíblica, os judeus chegam a Canaã em 2000 a.C. As duas diásporas judaicas (expulsões forçadas) levaram o povo judeu a se espalhar pelo mundo. Geralmente se atribui o início da primeira diáspora judaica ao ano de 586 a.C., quando o Imperador Nabucodonosor, da Babilônia, destrói Jerusalém e deporta os judeus para a Mesopotâmia. A segunda diáspora judaica, ocorre em 70 d.C, quando o general romano Tito destrói Jerusalém, fazendo com que os judeus se espalhem pela Ásia, Europa e África. Os árabes chegam depois, vão ocupar a Palestina em 636 d.C.

O Estado de Israel tem sua origem no sionismo (de Sion, colina da antiga Jerusalém), movimento surgido na Europa no século XIX, com objetivo de criar uma pátria para o povo judeu. Colonos judeus da Europa Central e Oriental, onde o antissemitismo (discriminação contra os judeus) era mais intenso, instalaram-se na Palestina, que tinha então população majoritariamente árabe.

O apoio internacional à criação de um Estado judaico aumentou depois da II Guerra Mundial, ao ser revelado o genocídio de cerca de 6 milhões de judeus nos campos de extermínio nazistas, o Holocausto. Em 1947, a Organização das Nações Unidas aprovou a partilha da Palestina em dois Estados – um para os judeus, com 53% do território, outro para os árabes, com 47%. A cidade de Jerusalém permaneceria sob administração internacional. Estes últimos rejeitaram o plano.

Em 14 de maio de 1948, foi criado o Estado de Israel. Imediatamente, cinco países árabes – Egito, Síria, Transjordânia (atual Jordânia), Iraque e Líbano – enviaram tropas para impedir sua fundação. Com o respaldo dos Estados Unidos e da União Soviética, Israel conseguiu derrotar esses exércitos, e a guerra se encerrou com um armistício assinado em janeiro de 1949.

O novo Estado ampliou seus domínios em relação às fronteiras originais aprovadas pela ONU. Com a vitória, Israel passou a ocupar 75% da Palestina, e mais de 700 mil árabes palestinos foram expulsos. Esses acontecimentos são lembrados até hoje por eles como a *nakba*, palavra árabe que significa “catástrofe”.

Ao fim da guerra, além da expansão de Israel, o Egito havia ocupado a Faixa de Gaza e a Transjordânia anexara Jerusalém Oriental e Cisjordânia (o nome do país passou a ser Jordânia). Com isso, os palestinos ficaram sem território, tornando-se refugiados na Cisjordânia, na Faixa de Gaza e nos países árabes vizinhos, ou migrando para longe.

Em 1967, diante da aliança militar entre Egito, Síria e Jordânia, Israel, fortemente armado pelos EUA, atacou os três países na Guerra dos Seis Dias. Passou, então, a controlar a Cisjordânia e Jerusalém Oriental, a Faixa de Gaza e a Península do Sinai (que seria devolvida ao Egito em 1982), além das Colinas de Golã, território da Síria ocupado até hoje.

A população árabe-palestina passou a lutar pela configuração de novas fronteiras e pelo reconhecimento de um Estado palestino independente. Em 1964, exilados no Líbano fundaram a Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Em 1988, autoproclamaram seu Estado com o nome de Autoridade Nacional Palestina (ANP).



Depois de muitas guerras e duas intifadas (rebeliões palestinas), os acordos de paz assinados entre os países afirmaram a autonomia dos palestinos na Faixa de Gaza e em parte da Cisjordânia.

Os Acordos de Oslo (1993-1995), assinados entre palestinos e israelenses, com mediação dos EUA, traçaram a meta de dois Estados: um judeu (Israel) e um palestino, formado pela Faixa de Gaza e pela Cisjordânia, ambas ocupadas pelos israelenses em 1967. Definiram ainda a criação da Autoridade Nacional Palestina, como embrião do futuro Estado.

Evolução territorial

■ Área histórica da Palestina ■ Estado árabe ■ Estado judeu

1921

Domínio britânico



Sob controle britânico desde o final da I Guerra Mundial, o território árabe da Palestina recebe importante imigração de judeus. O movimento sionista se propõe a fundar um Estado judeu na região.

1947

Proposta da ONU



Após a II Guerra Mundial, a ONU aprova a proposta de partilha da região em dois Estados: um judeu e um árabe.

1948

Fundação de Israel



Ao final da Guerra de Independência, Israel ocupa a maior parte da Palestina, e os palestinos ficam sem Estado.

1967

Após a Guerra dos Seis Dias



Na Guerra dos Seis Dias, Israel derrota Egito, Síria e Jordânia e ocupa territórios vizinhos: as Colinas de Golã (Síria), a Cisjordânia (Jordânia), a Faixa de Gaza e a Península do Sinai (Egito). Em 1982, devolve o Sinai.

1993

Tratado de Oslo



Com os acordos de Oslo, os palestinos passam a ter autonomia relativa em partes da Cisjordânia e da Faixa de Gaza.

Nos primeiros anos, após a assinatura dos Acordos, houve alguns avanços na sua implementação. Posteriormente, a situação voltou a se deteriorar e a implementação dos Acordos de Oslo não se viabilizaram mais, havendo, inclusive, retrocessos.

O Estado palestino independente ainda não se concretizou e os palestinos estão separados, de Israel e entre si, em 21 enclaves. Essa situação perturbou todas as atividades econômicas, pois, decorridos mais de 70 anos, os territórios palestinos ocupados apresentam grande deterioração econômica e baixa qualidade de vida.

Apesar de ter sido considerado ilegal pela Assembleia Geral da ONU, **Israel construiu um muro na Cisjordânia com mais de 9 metros de altura, controlando a entrada de não judeus em território israelense.** Esse paredão restringe o direito de ir e vir, anexa áreas palestinas a Israel e impede a circulação normal de pessoas na cidade de Jerusalém.

Atualmente, os palestinos do Hamas (grupo mais radical, com um braço armado, fortemente hostil a Israel) controlam a faixa de Gaza, enquanto a Autoridade Palestina (menos refratária ao Ocidente e a acordos de paz com Israel) domina partes da Cisjordânia, entre elas a cidade de Belém.

Desde 1967, Israel implanta **colônias judaicas na Cisjordânia**, onde hoje vivem cerca de 500 mil judeus em mais de cem assentamentos, em meio a 3 milhões de palestinos. Israel também tem instalado **colônias judaicas no setor oriental de Jerusalém** para justificar a sua soberania sobre a área. Colonos israelenses instalam-se, expulsam os palestinos e formam povoações. **Os palestinos consideram inaceitáveis a continuidade, a ampliação dos assentamentos e o confisco de suas terras na região.**



Ponto de honra para os árabes nas negociações é o **direito ao retorno dos palestinos expulsos de Israel e seus descendentes pelas guerras** de 1948 e dos Seis Dias (1967). O governo israelense não aceita sequer debater a sua volta, pois o eventual regresso colocaria em xeque a própria existência de Israel tal como é hoje.

São mais de 5 milhões de pessoas que vivem de forma precária em campos de refugiados superpovoados. Segundo a ONU, é o maior contingente de refugiados do mundo. Os países árabes onde se situam os campos mal garantem o mínimo para sua sobrevivência. Os palestinos continuam reivindicando o retorno às antigas casas e a devolução de suas posses, mas Israel resiste em aceitar a ideia.

A questão demográfica preocupa o país, pois o número de palestinos residentes em Israel e nos territórios palestinos somados já ultrapassou o número de judeus israelenses.

Em 2012, a ONU concedeu à Palestina a condição de “Estado observador não membro”. Mais de 140 Estados, inclusive o Brasil, reconhecem o Estado da Palestina.

A questão de Jerusalém

Jerusalém é uma cidade sagrada para as três grandes religiões monoteístas do mundo: cristianismo, islamismo e judaísmo. Na parte oriental está a cidade velha que abriga o Muro das Lamentações (ruínas do antigo Templo de Salomão), local sagrado do Judaísmo; a Esplanada das Mesquitas, onde se localizam a mesquita de Al-Aqsa e o Domo da Rocha e a Igreja do Santo Sepulcro (local onde Jesus Cristo teria sido crucificado, sepultado e ressuscitado).

Segundo a tradição islâmica, na noite da destinação, Maomé foi transportado de Meca para Jerusalém, no local onde se encontra o Domo da Rocha, ascendeu aos céus, conversou com os profetas e recebeu o Alcorão. Desceu novamente ao local onde se encontra o Domo da Rocha, foi transportado para Meca e ali anunciou a nova religião. Isso faz de Jerusalém, a terceira cidade mais sagrada para o Islamismo, atrás de Meca e de Medina, na Arábia Saudita.

Os judeus denominam a Esplanada das Mesquitas de Monte do Templo, pois elas foram construídas exatamente no local onde se situava o antigo Templo de Salomão.

Após a partilha da Palestina, pela ONU, em 1948, Jerusalém foi colocada sob administração internacional. Na guerra da independência, Israel conquistou a parte ocidental da cidade. A parte oriental ficou sob o controle da Jordânia.

Em 1967, na Guerra dos Seis Dias, Israel conquistou a parte oriental da cidade. Em Jerusalém estão sediados os poderes executivo, legislativo e judiciário de Israel, que a considera como a capital eterna e indivisível dos judeus.

A ONU considera que Israel ocupa ilegalmente a totalidade de Jerusalém e orienta que nenhum país instale a sua embaixada na cidade. Os **palestinos** consideram **Jerusalém como a capital de um futuro Estado próprio, reivindicando para isso a parte oriental da cidade**.

Em dezembro de 2017, o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, reconheceu Jerusalém como capital de Israel e anunciou a transferência da embaixada americana de Tel Aviv, primeira capital israelense, para a cidade. A decisão dos Estados Unidos levou a muitas manifestações contrárias da comunidade



internacional e da unanimidade dos países islâmicos. A embaixada, em Jerusalém, foi inaugurada em maio de 2018, no mesmo dia que se comemorou os 70 anos de fundação do Estado de Israel.

Além dos Estados Unidos, a Guatemala, a Romênia e Honduras também transferiram a sua embaixada para Jerusalém, reconhecendo a cidade como capital de Israel.

A resistência de grupos palestinos

Desde a resolução da ONU, de 1947, da partilha da Palestina há milícias palestinas-islâmicas armadas que não aceitam a criação do Estado de Israel, os avanços territoriais de Israel e a situação a qual é submetido o povo palestino por parte do Estado israelense.

Destacam-se o Hamas e a Jihad Islâmica, de orientação sunita, baseados na Faixa de Gaza. No Líbano destaca-se o Hezbollah, de orientação xiita. Ao longo dos anos ocorreram vários conflitos armados entre o Hamas e o Estado de Israel (2008, 2012, 2014, 2018 e 2021) e a Jihad Islâmica (2022). O episódio de 2021 foi um dos mais violentos, com cerca de 240 mortes, inclusive de crianças.



A questão Israel-Palestina

Em 1947, a (ONU) aprovou a partilha da Palestina em dois Estados – um para os judeus, com 53% do território, outro para os árabes, com 47%.

Em 14 de maio de 1948, foi criado o Estado de Israel. Cinco países árabes – Egito, Síria, Transjordânia (atual Jordânia), Iraque e Líbano – combateram o nascente Estado judeu. Israel venceu a guerra e se expandiu territorialmente passando a ocupar 75% da Palestina. Além disso, ao fim da guerra, o Egito e a Transjordânia ocuparam às áreas palestinas. Com isso, os palestinos ficaram sem território, tornando-se refugiados na Cisjordânia, na Faixa de Gaza e nos países árabes vizinhos, ou migrando para longe.

Em 1967, na Guerra dos Seis Dias, Israel passa a controlar a Cisjordânia, Jerusalém Oriental e a Faixa de Gaza. Com os palestinos deteriorados e divididos, a população árabe-palestina passou a lutar pela configuração de novas fronteiras e pelo reconhecimento de um Estado palestino independente. Em 1988, proclamaram seu Estado com o nome de Autoridade Nacional Palestina (ANP).

Depois de muitas guerras e duas intifadas (rebeliões palestinas), os acordos de paz (1993-1995) assinados entre Israel e a ANP traçaram a meta de dois Estados: um judeu (Israel) e um palestino, formado pela Faixa de Gaza e pela Cisjordânia. A implementação do acordo teve um sucesso inicial, mas fracassou posteriormente. O Estado palestino independente ainda não se concretizou e os palestinos estão separados, de Israel e entre si, em 21 enclaves que apresentam grande deterioração econômica e baixa qualidade de vida.



O Hamas controla a faixa de Gaza e a ANP, partes da Cisjordânia.

Nos últimos anos, a perspectiva de “dois Estados” é a que tem guiado as negociações de paz. Na prática, porém, não houve avanços. O atual governo israelense defende posições que os palestinos consideram inaceitáveis, como a continuidade e a ampliação dos assentamentos israelenses na Cisjordânia.

Outro problema é sobre o status da cidade de Jerusalém. Os palestinos defendem que a parte oriental da cidade, ocupada pelos israelenses desde 1967, seja a capital de seu futuro Estado. Israel não aceita essa divisão, reivindicando a cidade inteira como a sua própria capital.

Em dezembro de 2017, o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, reconheceu Jerusalém como capital de Israel e anunciou a transferência da embaixada americana de Tel Aviv, primeira capital israelense, para a cidade. A embaixada, em Jerusalém, foi inaugurada em maio de 2018, no mesmo dia que se comemorou os 70 anos de fundação do Estado de Israel.

Devido à todas essas divergências entre Israel e países árabes próximos, com regularidade ocorrem conflitos bélicos entre Israel e milícias religiosas islâmicas.



AFEGANISTÃO

O Afeganistão é um país localizado na Ásia central. Faz fronteira com o Paquistão ao sul e ao leste, com o Irã ao oeste, com o Turcomenistão, Uzbequistão e Tadjiquistão ao norte e com China no nordeste. Seu território é montanhoso e o país não possui conexão com o oceano. Veja sua localização na figura abaixo:



Fonte: Nexo Jornal

O Taliban é uma milícia islâmica fundamentalista, da vertente sunita. A maioria de seus membros são pashtuns, o maior grupo étnico do país. O nome Taliban significa “**estudantes**” em pashto, a língua mais falada no Afeganistão.

Suas origens estão na invasão da União Soviética ao Afeganistão, em 1979, quando, para conter o avanço do bloco socialista, os EUA financiaram milícias religiosas islâmicas, denominados **mujahedin**, para combater os invasores. Combatentes deste período fundaram a milícia armada em 1994, que chegou ao poder em 1996, ao conquistar a capital, Cabul.



No poder, o Taliban instituiu um rígido regime, baseado em uma versão radical da **Sharia**, a lei islâmica. As mulheres não tinham permissão para trabalhar ou estudar e deveriam ficar confinadas em casa. Elas só poderiam sair se estivessem acompanhadas de um homem. Era obrigatório o uso da burca, cobrindo todo o corpo, da cabeça aos pés, e mulheres acusadas de adultério eram apedrejadas na rua. O Talibã também proibiu música, filmes, televisão e livros.

O Taliban deu abrigo e proteção à rede terrorista **Al Qaeda**, liderada por **Osama bin Laden**. Ofereceu porções de seu território para o estabelecimento de campos de treinamento para guerrilheiros e refúgio para terroristas do grupo.

Em 11 de setembro de 2001, a Al Qaeda realiza os atentados às torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, e ao Pentágono, em Washington, deixando centenas de mortos e milhares de feridos.

Com a recusa do governo do Taliban em entregar Osama Bin Laden, em resposta aos atentados terroristas, o presidente americano, George W. Bush, com apoio internacional, inicia a chamada “guerra ao terror” e invade o Afeganistão, ainda no ano de 2001.

A ação resultou na derrubada do Taliban, e o grupo passou a agir como insurgente desde então. **Bin Laden foi morto em 2011, no Paquistão, em uma ação de forças especiais dos Estados Unidos**. Mas a ocupação estrangeira foi incapaz de derrotar o grupo, que seguiu controlando regiões do interior do país e enfrentando os americanos.

Em 2020, após 19 anos de conflito armado, os EUA (governo Donald Trump) e o Taliban assinaram um acordo de paz em Doha, no Catar, que estabeleceu a retirada progressiva das tropas norte-americanas do país. Em contrapartida, o Taliban deveria interromper suas conexões com grupos terroristas internacionais e impedir que eles utilizem o Afeganistão para realizar ataques contra os EUA.

A Guerra do Afeganistão foi o mais longo conflito militar em que os EUA estiveram envolvidos. No auge da sua presença, mais de 100 mil militares americanos lutavam no país. Estima-se que morreram no conflito 65 mil membros das forças de segurança afegãs, 3.500 da coalizão dos EUA, 72 mil combatentes do Taliban e aliados e 38 mil civis afegãos. Estima-se também que os Estados Unidos gastaram mais de 2 trilhões de dólares no Afeganistão nos últimos 20 anos. O valor é maior que o PIB do Brasil (câmbio de abril de 2021).

Pelo acordo, a saída total das tropas estava prevista para até 1º de maio de 2021, mas foi adiada para 11 de setembro de 2021, coincidindo com a lembrança simbólica dos 20 anos dos bárbaros atentados terroristas. Por fim, as últimas tropas deixaram o país em 30 de agosto de 2021, encerrando a mais longa guerra dos Estados Unidos.

À medida que as tropas estrangeiras foram deixando o país, o Taliban foi avançando. Em poucos meses, conquistou grande parte do território afegão. O exército nacional ofereceu pouca resistência. No dia 15 de agosto de 2021, chegou na capital, Cabul, e retomou o poder no país.

O retorno do Taliban ao poder levou dezenas de milhares de pessoas a fugirem do Afeganistão. O ex-presidente, Ashraf Ghani, também deixou o país.

No poder, o Taliban declarou que o Afeganistão passa a se chamar **Emirado Islâmico do Afeganistão**, mesmo nome adotado pelo grupo fundamentalista quando assumiu o poder pela primeira vez, em 1996. A lei será a Sharia, sistema jurídico baseado no Alcorão. Mas apresentou um discurso mais moderado, afirmando que



os direitos das mulheres serão respeitados dentro do código religioso, que buscará inserir mulheres no poder e dialogar com outros países de forma diplomática. Contudo, tem perseguido opositores e jornalistas.

A retirada dos Estados Unidos do país mudará completamente a geopolítica do Afeganistão e da região. O **vácuo de poder** deixado pelos americanos no país abre o caminho para China e Rússia ampliarem a sua influência na Ásia Central. A China sinalizou o reconhecimento à tomada de poder pelo Taliban e anunciou que está disposta a manter “relações amistosas” com o grupo, desde que não apoiem de nenhuma forma os separatistas islâmicos uigures de Xingiang, na fronteira com o Afeganistão.



Afeganistão

O Taliban é uma milícia islâmica fundamentalista, da vertente sunita. Foi fundado em 1994 e chegou ao poder em 1996, ao conquistar a capital, Cabul. No poder, o Taliban instituiu um rígido regime, baseado em uma versão radical da **Sharia**, a lei islâmica e deu abrigo e proteção à rede terrorista **Al Qaeda**, liderada por **Osama bin Laden**, que realizou os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001.

Em resposta aos atentados terroristas, os Estados Unidos (governo George W. Bush) invadiram o Afeganistão e retiraram o Taliban do poder. **Bin Laden foi morto em 2011, no Paquistão, em uma ação de forças especiais dos Estados Unidos**. Mas a ocupação estrangeira foi incapaz de derrotar o grupo, que seguiu controlando regiões do interior do país e enfrentando os americanos.

Em 2020, os EUA (governo Donald Trump) e o Taliban assinaram um acordo de paz que estabeleceu a retirada progressiva das tropas norte-americanas do país. Em contrapartida, o Taliban deveria interromper suas conexões com grupos terroristas internacionais e impedir que eles utilizem o Afeganistão para realizar ataques contra os EUA.

Pelo acordo, a saída total das tropas estava prevista para até 1º de maio de 2021, mas foi adiada para 11 de setembro de 2001, coincidindo com a lembrança simbólica dos 20 anos dos bárbaros atentados terroristas.

À medida que as tropas estrangeiras foram deixando o país, o Taliban foi avançando. Em poucos meses, conquistou grande parte do território afegão. O exército nacional ofereceu pouca resistência. No dia 15 de agosto de 2021, chegou na capital, Cabul, e retomou o poder no país.

O retorno do Taliban ao poder levou dezenas de milhares de pessoas a fugirem do Afeganistão. O ex-presidente, Ashraf Ghani, também deixou o país.

No poder, o Taliban declarou que o Afeganistão passa a se chamar **Emirado Islâmico do Afeganistão**, e a lei será a Sharia, sistema jurídico baseado no Alcorão.

Com a saída das últimas tropas, em 30 de agosto de 2021, encerrou-se a mais longa guerra dos Estados Unidos.





TERRORISMO

O **terrorismo** é o uso de violência física ou psicológica, por meio de ataques localizados a elementos ou instalações de um governo ou da população governada, de modo a incutir medo, terror, e, assim, obter efeitos psicológicos que ultrapassem largamente o círculo das vítimas, alargando-se para a população do território.

Contudo, não há uma definição ou conceito único de terrorismo. A Organização das Nações Unidas, por exemplo, define o terrorismo da seguinte forma:

“Atos criminosos pretendidos ou calculados para provocar um estado de terror no público em geral [...]”.

(Declaração sobre Medidas para Eliminar o Terrorismo Internacional - Resolução nº 49/60 da Assembleia Geral).

Dessa forma, de acordo com a definição ONU, para que se possa diferenciar uma ação terrorista de outras ações violentas, é preciso analisar o contexto geral em que tal ação foi tomada. Geralmente, terroristas não têm como finalidade atingir as vítimas diretas de seus ataques. O que realmente importa é que o ato seja chocante o suficiente para aterrorizar o resto da sociedade, movimentando a imprensa, as redes sociais e os órgãos governamentais.

No final das contas, um ato terrorista serve como uma vitrine para grupos terroristas se promoverem, mostrarem força e desafiar seus inimigos. O grupo terrorista consegue, dessa forma, chamar atenção para suas causas políticas, que geralmente são bastante radicais.

De maneira semelhante, o governo dos Estados Unidos também traz uma definição explícita do que considera terrorismo: “[...] violência premeditada e politicamente motivada, perpetrada contra alvos não-combatentes e praticada por grupos ou agentes clandestinos, normalmente com a intenção de influenciar um público”. Ou seja, os ataques terroristas teriam alguns fatores em comum, que seriam:

Premeditação: são planejados previamente pelos seus perpetradores;

Fim político: o grupo pretende causar algum efeito político, como motivar governantes a fazerem ou deixarem de fazer alguma coisa;

Vítimas são civis: atos terroristas não acontecem em campo de batalha, onde conflito e violência já são esperados; o terrorismo ocorre de maneira inadvertida em espaços públicos de grande circulação (prédios, praças, shoppings, voos comerciais, aeroportos, boates etc.);

Grupos são clandestinos: os grupos políticos que realizam ataques terroristas existem sem reconhecimento e respaldo legal: não são partidos políticos, entidades governamentais, intergovernamentais. Normalmente são grupos que procuram justamente derrubar governos ou até mesmo a ordem internacional;

Objetivo é obter audiência: o ato terrorista serve tanto para aterrorizar a população quanto para convencer outras a aderirem às causas do grupo.



Outra forma de terrorismo é o **terrorismo de Estado**, que consiste em um regime de violência instaurado por um governo, em que o grupo político que detém o poder se utiliza do terror como instrumento de governabilidade. Caracteriza-se pelo uso da máquina de repressão do Estado como organização criminosa, restringindo os direitos humanos e as liberdades individuais.

Na segunda metade do século XX, em muitos países da América Latina, chegaram ao poder ditaduras militares que estabeleceram regimes de exceção com restrições democráticas aos direitos humanos e às liberdades individuais. Contra esses regimes, levantaram-se oposições civis e grupos armados. Como método de dissuasão e combate às oposições, os regimes autoritários muitas vezes se utilizaram do terrorismo de Estado. Alguns especialistas apresentam como exemplo de terrorismo de Estado a atuação do DOPS durante a ditadura militar brasileira, cuja tortura e acúmulo sistemático de informações sobre cidadãos considerados suspeitos de subversão potencializaram um processo de terror.

Por outro lado, a segunda metade do século XX também foi pródiga no surgimento e na atuação de grupos guerrilheiros e terroristas na América Latina que utilizavam métodos violentos – como sequestros, assassinatos e atentados à bomba - para o enfrentamento aos governos que se opunham.

Historicamente, atos que seriam tidos como terroristas foram considerados heroicos quando associados à luta contra a opressão ou pela libertação nacional. É o caso da Resistência Francesa, que lutou contra a ocupação nazista na II Guerra Mundial (1939-1945).

A retórica da “guerra ao terror” do ex-presidente norte-americano George W. Bush levou muitos a associarem o terrorismo ao islamismo. Na verdade, há **grupos fundamentalistas** em todas as religiões. São os que enxergam nos textos sagrados de sua crença a orientação para a organização do Estado e da sociedade. É uma posição que recusa a democracia e se opõe à perspectiva adotada pela Revolução Francesa (1789) de separação entre religião e Estado.

O **terrorismo islâmico** é uma forma de terrorismo religioso cometido por extremistas islâmicos. Fundamenta-se numa leitura dogmática e literal de trechos do Alcorão, o livro sagrado do Islã. São grupos armados que não contam com o apoio e a adesão da maioria da população islâmica. É um erro associar mecanicamente o Islã ao fenômeno do terror político contemporâneo.

O fundamentalismo islâmico é a fonte inspiradora de vários grupos armados do mundo islâmico, que lutam pela tomada do poder nos países em que atuam. Os mais conhecidos são a Al-Qaeda, o Estado Islâmico e o Boko Haram.

O terrorismo, por definição e por sua própria natureza, não aceita o contrário e, em vez de assumir o confronto de ideias, parte para a eliminação do adversário, considerado como um inimigo irreconciliável. Os valores democráticos caracterizam-se como o oposto dessa visão autoritária e estreita do terrorismo.

Na esfera internacional e no âmbito interno dos países, o terrorismo pode ser combatido pelo uso rigoroso e firme de mecanismos legais de repressão e pela cooperação internacional.

O uso de mecanismo legais de repressão deve ocorrer no âmbito do estado de direito, com a preservação de direitos humanos e democráticos da população dos países. A cooperação internacional propicia a realização de um esforço conjunto entre países e organismos internacionais, com vistas ao aperfeiçoamento dos mecanismos de segurança e inteligência internacional, para que se tenham melhores condições de êxito na luta contra o terrorismo.



Por fim, cabe destacar o papel da opinião pública, que, por diversas formas, tem se posicionado frontalmente contrária às ideias, atos e atitudes de organizações terroristas.



Terrorismo

Constitui-se no uso de violência física ou psicológica, por meio de ataques localizados a elementos ou instalações de um governo ou da população governada, de modo a incutir medo, terror, e, assim, obter efeitos psicológicos que ultrapassem largamente o círculo das vítimas, alargando-se para a população do território.

Definição da ONU: atos criminosos pretendidos ou calculados para provocar um estado de terror no público em geral. Um ato terrorista serve como uma vitrine para grupos terroristas se promoverem, mostrarem força e desafiarem seus inimigos. O grupo terrorista consegue, dessa forma, chamar atenção para suas causas políticas, que geralmente são bastante radicais.

Terrorismo de Estado - regime de violência instaurado por um governo, em que o grupo político que detém o poder se utiliza do terror como instrumento de governabilidade. Repressão e restrição das liberdades individuais.

Terrorismo islâmico - terrorismo religioso cometido por extremistas islâmicos. Fundamenta-se numa leitura dogmática e literal de trechos do Alcorão, o livro sagrado do Islã.

O terrorismo, por definição e por sua própria natureza, não aceita o contrário e, em vez de assumir o confronto de ideias, parte para a eliminação do adversário, considerado como um inimigo irreconciliável. Os valores democráticos caracterizam-se como o oposto dessa visão autoritária e estreita do terrorismo.



TERREMOTO NA TURQUIA E SÍRIA

No dia 6 de fevereiro de 2023, fortes sismos atingiram o Sul e o Centro da Turquia e o Norte e Oeste da Síria. Esse foi um dos terremotos mais fortes e letais já registrados na história, com inúmeras perdas de vidas e danos materiais.

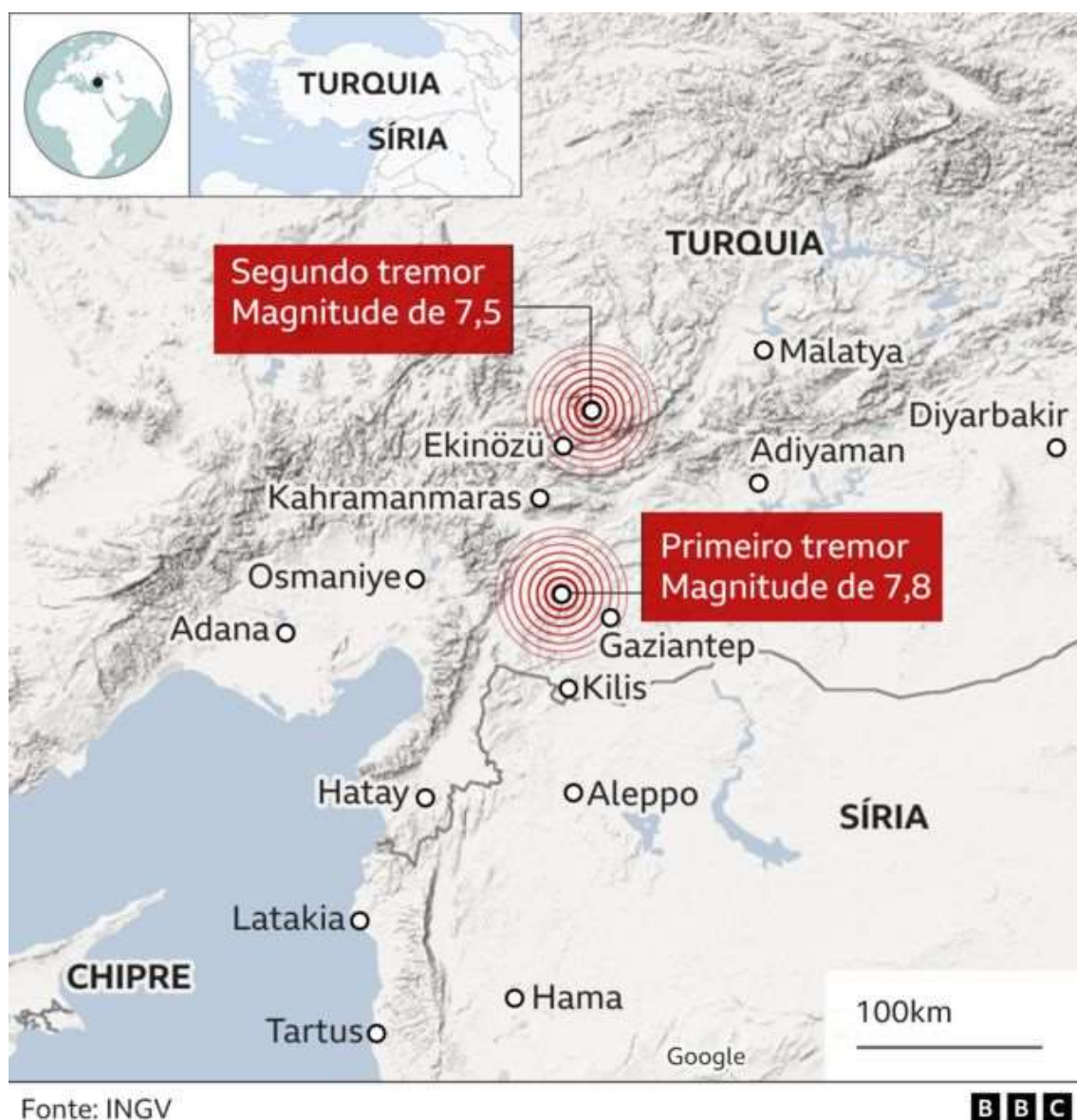
Na verdade, não foi apenas um, mas dois sismos que ocorreram em um intervalo de algumas horas, seguidos também por centenas de réplicas (terremotos menores que sucederam o principal) e que chegaram a ser sentidos em países próximos, como Líbano, Israel, Iraque e Chipre.



Os termos **sismo**, **terremoto** ou **abalo sísmico** são formas diferentes para se referir ao mesmo fenômeno, isto é, tremores que ocorrem no interior da terra e se manifestam em seu exterior.

O epicentro do primeiro sismo foi registrado na cidade turca de **Gaziantep**. No local, os tremores alcançaram 7,8 na escala Richter. Já o epicentro do segundo abalo sísmico ocorreu próximo à cidade de **Kahramanmaras**, também na Turquia, e foi de 7,5 na escala Richter. Na figura a seguir é possível visualizar essas as localizações:





Quando um terremoto de elevada magnitude acontece, é comum nos referirmos ao seu epicentro para descrever exatamente onde ele ocorreu. Para entender o que é o epicentro de um terremoto, é necessário saber também o que é hipocentro. Esse ponto se refere ao local exato dentro da crosta terrestre em que houve a liberação de energia responsável pelo abalo sísmico. O epicentro, por sua vez, é a projeção desse ponto na superfície da Terra. O fato de o hipocentro ter sido muito próximo do epicentro nesses sismos fez com que a sua força fosse muito elevada.

O que causa um terremoto?

O interior do nosso planeta é dividido em três grandes partes: crosta, manto e núcleo. A crosta terrestre é a camada mais externa e próxima à superfície, enquanto o manto é a camada intermediária e o núcleo a mais profunda.

A crosta terrestre é composta por enormes placas de rocha, chamadas de **placas tectônicas**. Elas estão em constante movimento e, ao se chocarem ou se friccionarem, geram os tremores.



Por isso, nas zonas de encontro entre as placas tectônicas (também chamadas de zonas de falha tectônica), os terremotos são mais frequentes e mais intensos.

As duas cidades onde foram registrados os epicentros - Gaziantep e Kahramanmaras – estão localizadas muito próximas a falhas tectônicas, em um local em que há o encontro de três placas tectônicas: a Placa da Anatólia, a Placa Africana e a Placa Árábica.

A figura a seguir demonstra as placas tectônicas da Terra e a sua distribuição pelo globo. Observe como o Brasil está longe das zonas de colisão de placas, o que faz com que não sejam registrados abalos sísmicos de magnitude expressiva no país.



Danos e vítimas

Até 19 de fevereiro de 2023, pelo menos 45 mil mortes foram relatadas, sendo 39 mil na Turquia e 6 mil na Síria. Mais de 100 mil pessoas ficaram feridas.

O frio do inverno que ocorre nessa época do ano na região agravou ainda mais a situação, prejudicando os esforços de resgate. Devido às temperaturas congelantes na área, os sobreviventes, especialmente aqueles presos sob os escombros, correram grande risco de hipotermia.

Já os danos materiais decorrentes da destruição de estruturas físicas causada pelos terremotos podem chegar a US\$ 25 bilhões (R\$ 130 bilhões na conversão atual), segundo o banco norte-americano JP Morgan. O valor corresponde a 2,5% do PIB turco.

O fato de terem sido dois fortíssimos sismos consecutivos contribuiu para a grande destruição, uma vez que o primeiro foi responsável por fragilizar muitas edificações, que se mantiveram parcialmente estáveis, mas sucumbiram após o segundo sismo.

Foi destruído também o **Castelo de Ganziatep**, uma edificação de relevante valor histórico construído há pelo menos 2 mil anos durante o Império Romano.

Na Síria, os impactos foram mais sentidos nas proximidades da fronteira com a Turquia, uma região marcada por elevados índices de pobreza. A fronteira turco-síria é a região da população **curda** e onde, na Turquia, se concentra boa parte dos refugiados da guerra civil da Síria.

Ajuda internacional

A tragédia mobilizou a comunidade internacional. Estados Unidos, União Europeia e muitos outros países anunciaram o envio de ajuda e equipes de resgate. Até mesmo a Grécia, rival histórico da Turquia, colaborou com ajudas ao país. O Brasil também encaminhou uma equipe especializada em busca e resgate urbano para localizar e dar suporte às vítimas, além de itens emergenciais para atendimento da população.

Terremotos mais fortes da história

Os tremores de 2023 foram os mais fortes registrados na Turquia desde 1939, quando o país registrou tremores também de 7,8 de magnitude na cidade de Erzincan, ao Leste do país, e 32 mil mortes.

No mundo, os cinco maiores terremotos já registrados foram:

1. no Chile (9,5 na escala Richter), em 1960;
2. no Estado norte-americano do Alasca (9,2), em 1964;
3. na Indonésia (9,1), em 2004;
4. no Japão (9,0), em 2011;
5. e na Rússia (9,0), em 1952.



Com relação ao número de mortos, o terremoto de 2010 no Haiti é o mais mortal na lista do Serviço Geológico dos EUA: 316 mil vítimas.



Terremoto na Turquia e Síria

Em 6 de fevereiro de 2023, dois fortes terremotos atingiram o Sul e o Centro da Turquia e o Norte e o Oeste da Síria, causando numerosas mortes e danos materiais.

O epicentro do primeiro terremoto foi registrado na cidade turca de **Gaziantep**, onde os tremores atingiram 7,8 na escala Richter. O epicentro do segundo evento sísmico ocorreu perto da cidade de **Kahramanmaras**, também na Turquia, e teve magnitude de 7,5 na escala Richter.

Os terremotos foram seguidos por centenas de réplicas que foram sentidas em países próximos, como Líbano, Israel, Iraque e Chipre. Pelo menos 45.000 mortes foram relatadas, com 39.000 na Turquia e 6.000 na Síria, e mais de 100.000 pessoas ficaram feridas.

As causas de um terremoto estão relacionadas ao movimento das **placas tectônicas da Terra**. A crosta terrestre é composta por enormes placas rochosas que estão em constante movimento e, quando se chocam ou se roçam umas nas outras, ocorrem os tremores. Portanto, os terremotos são mais frequentes e intensos nas zonas de encontro entre placas tectônicas, também chamadas de zonas de falha tectônica. As duas cidades onde os epicentros foram localizados - Gaziantep e Kahramanmaras - estão muito próximas de falhas tectônicas, em um lugar em que três placas tectônicas se encontram: a Placa da Anatólia, a Placa Africana e a Placa Arábica.

A tragédia mobilizou a comunidade internacional e muitos países anunciaram o envio de ajuda e equipes de resgate. Os Estados Unidos, a União Europeia, o Brasil e até a Grécia, um país rival, anunciaram suas intenções de fornecer ajuda. O inverno rigoroso na região exacerbou a situação, tornando os esforços de resgate mais difíceis. Os danos materiais causados pela destruição de estruturas físicas dos terremotos poderiam chegar a US \$ 25 bilhões, ou 2,5% do PIB da Turquia, de acordo com o JP Morgan.



QUESTÕES COMENTADAS – ISLAMISMO, MUNDO ÁRABE E ORIENTE MÉDIO – MULTIBANCAS

(QUADRIX/CRP-18/2022) Julgue os itens a seguir, referentes a aspectos do mundo atual.

1. Ataques aéreos russos continuam a atingir o território sírio, pela ajuda que Vladimir Putin vem dando ao seu aliado, o presidente Bashar al-Assad, contra os rebeldes que lutam para derrubar o governo sírio.

COMENTÁRIOS:

A Rússia vem realizando ataques aéreos na Síria desde 2015, ajudando seu aliado, o presidente Bashar al-Assad, a recuperar território de rebeldes e grupos extremistas.

Mesmo estando envolvida em uma guerra contra a Ucrânia, a Rússia continua a realizar ataques contra grupos rebeldes.

Gabarito: Certo

2. A guerra em curso no Iêmen opõe forças no Oriente Médio: de um lado, encontram-se Irã e Arábia Saudita, que se aliaram contra o governo sunita, que está no outro lado da disputa.

COMENTÁRIOS:

O Iêmen está em uma guerra civil desde 2014. É um dos conflitos mais longos e sangrentos da atualidade, que, contudo, tem sido muito pouco noticiado pelo mundo. Por isso, a guerra no Iêmen costuma ser conhecida como “a guerra esquecida”.

No conflito em curso, opõe-se, de um lado, os rebeldes houthis (xiitas) apoiados pelo Irã, e, de outro, grupos ligados ao presidente Abdrabbuh Mansour Hadi, apoiados pela Arábia Saudita.

O Iêmen tem sido mais uma das frentes por onde as disputas geopolíticas entre Irã e Arábia Saudita tem se manifestado no Oriente Médio.

Gabarito: Errado

3. Grupos da jihad islâmica extremista ainda são encontrados na África, onde há a tentativa de controle regional em diferentes países do continente.

COMENTÁRIOS:

O termo jihad é utilizado para descrever o dever dos muçulmanos de disseminar a fé muçulmana, além de indicar a luta pelo desenvolvimento espiritual.

Ao contrário do que muitas vezes se diz, jihad não significa uma guerra santa, envolve mais uma luta interna com o objetivo de melhorar o próprio indivíduo ou o mundo à sua volta.



O conceito de jihad tem dois significados para a religião muçulmana: a luta pela melhoria pessoal, sob as leis do islamismo, e a luta em busca de uma melhor humanidade, por meio da difusão da influência do islamismo e com o esforço que os muçulmanos fazem para levar a religião islâmica para um maior número de pessoas.

Existem grupos extremistas islâmicos que usam métodos violentos para transmitirem as suas ideias, mas esse não é o conceito original de jihad. Para esses, a “jihad islâmica” é uma guerra santa islâmica, em que a luta violenta é necessária para erradicar obstáculos para a restauração da lei de Deus na Terra e para defender a comunidade muçulmana.

Exemplos de grupo jihadistas extremistas são o Estado Islâmico e a Al Qaeda.

Na África, onde grande parte das sociedades é pobre e fragilizada, grupos jihadistas encontram um terreno fértil para se expandir, e têm travado combates e realizado atentados em busca de controle regional. Dois grupos bastante ativos nesse sentido são o Al Shabbab e o Boko Haram.

Gabarito: Certo

4. (CESGRANRIO/BASA/2022 - TÉCNICO BANCÁRIO) Considere o texto a seguir sobre a conjuntura na Síria.

Khalid, de 47 anos, aponta com dor o seu único rim, com apenas 70% de função. Ele está escondido em uma vala no meio do mato, junto com outros três sírios, Kassem, Nassir e Abdelrahman. Esta é a parte polonesa da floresta de Bialowieza, compartilhada com Belarus, uma área frondosa de 150.000 hectares que se tornou o corredor de passagem predileto para milhares de migrantes sírios que atravessam ilegalmente a fronteira entre os dois países nas últimas semanas. Os quatro procedem de Damasco, em seu quinto dia de caminhada pela floresta, tentando se guiar com o GPS do celular para ir na direção dos Países Baixos e Alemanha.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-11-17/quatro-sirios-escondidos-em-uma-vala-na-floresta-da-polonia-tudo-o-que-eu-queiro-e-chegar-a-alemanha.html>. Acesso em: 20 nov. 2021. Adaptado.

Os quatro migrantes escaparam de seu país de origem devido ao seguinte fator conjuntural:

- (A) um movimento separatista que ataca os muçulmanos.
- (B) um acordo de paz que foi rompido com a União Europeia.
- (C) uma intervenção militar estrangeira que decretou estado de sítio.
- (D) uma revolução religiosa que expulsou os islâmicos do país.
- (E) uma guerra civil que se prolonga no país há 10 anos.

COMENTÁRIOS:



Os quatro migrantes são originários da Síria, conforme mencionado pelo enunciado. O país vive uma situação de guerra civil que já se prolonga por mais de 10 anos. O conflito começou como um levante pacífico contra o regime do presidente Bashar al-Assad, em março de 2011.

Por causa da guerra, mais de 5 milhões de pessoas tiveram que fugir do país. Os refugiados foram principalmente para a Turquia, para o Líbano e para a Jordânia. Uma menor parcela busca refúgio na Europa, o que tem pressionado o bloco no debate de como acolhê-los.

Belarus é um país vizinho à Polônia, à Ucrânia e à Rússia. É um grande aliado da Rússia, sendo governada por Aleksandr Lukashenko, desde 1994, que é considerado o último ditador da Europa. O episódio mencionado na questão decorreu de Belarus estar incentivando que migrantes viessem de países em conflito da Ásia para ingressarem na União Europeia de forma irregular. O objetivo era o de gerar tensão sobre esse tema delicado no bloco europeu, resistente em receber migrantes de países pobres e não europeus.

Gabarito: E

5. (QUADRIX/CREFONO 4ª REGIÃO/2021 – FONOAUDIÓLOGO FISCAL) Ao ser desbancado de sua posição de fonte geradora de energia, o petróleo acabou por propiciar algo até então inimaginável: a plena estabilidade política do Oriente Médio, com o fim dos conflitos na região e a resolução do histórico problema palestino.

COMENTÁRIOS:

O petróleo continua sendo a fonte energética mais utilizada no mundo. Também não se verifica plena estabilidade política no Oriente Médio. Na região, desenrolam-se uma série de conflitos, com grande destaque para o histórico problema palestino.

Gabarito: Errado

6. (VUNESP/PREFEITURA DE FERRAZ DE VASCONCELOS/GUARDA MUNICIPAL – 2020) Um bombardeio ao aeroporto de Bagdá, no dia 2 de janeiro, matou Qassem Soleimani, um dos homens mais poderosos do país. O Pentágono confirmou que o ataque foi realizado por ordem do presidente e culpou Soleimani por mortes no Oriente Médio. No dia 7 de janeiro, o funeral do general Soleimani levou uma multidão de pessoas às ruas de Kerman.

(G1. <https://cutt.ly/NfRYtdJ>. Publicado em 31.01.2020. Adaptado)

O texto acima se refere às tensões militares entre

- (A) Síria e Iraque.
- (B) Irã e Estados Unidos.
- (C) Síria e Rússia.
- (D) Venezuela e Estados Unidos.
- (E) Irã e Síria.



COMENTÁRIOS:

O texto se refere às tensões militares entre Irã e Estados Unidos.

Desde que assumiu a presidência dos Estados Unidos, Donald Trump adotou uma postura agressiva contra o Irã. Em 2018, retirou os EUA do acordo nuclear com o país e retomou sanções econômica em seu mais alto nível. As tensões se elevaram entre o Irã e os Estados Unidos, após a saída norte-americana do Acordo. O ano de 2019 foi de acirramento de acusações entre as partes e movimentos militares, que quase desembocaram em um conflito bélico direto. Esses eventos contribuíram para o assassinato do general Qasem Soleimani, em janeiro de 2020, por ordem de Donald Trump, em um ataque com drones perto do aeroporto da capital iraquiana, Bagdá.

O general comandava a Força Al Quds, unidade especial da Guarda Revolucionária do Irã, e apontado como o cérebro por trás da estratégia militar e geopolítica do país. Ele era muito próximo do aiatolá Ali Khamenei e tinha sobrevivido a diversas tentativas de assassinato nas últimas décadas.

Gabarito: B

7. (VUNESP/ESEF-SP/2019 – ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO) A decisão do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de retirar tropas norte-americanas do nordeste da Síria abriu caminho para uma ofensiva da Turquia contra forças curdas na região. Poucas horas depois do anúncio da medida, na segunda-feira (07.10.2019), a televisão síria registrou imagens de explosões atribuídas a militares turcos. Os curdos são uma etnia, de origem asiática, composta por cerca de 31 milhões de pessoas (estatística 2019). Como não possuem um país organizado, vivem espalhados pelos territórios de alguns países asiáticos.

(g1. Disponível em <https://glo.bo/31gWjty>. Acesso em 16.10.2019. Adaptado)

A maior concentração de curdos se encontra na Síria, Turquia,

- a) Irã e Iraque
- b) Iraque e Arábia Saudita.
- c) Irã e Afeganistão.
- d) Iraque e Paquistão.
- e) Irã e Líbano.

COMENTÁRIOS:

Os curdos habitam uma região de cerca de 500 mil km² que se estende por partes dos territórios de Irã, Iraque, Síria, Armênia, Turquia e Azerbaijão. Esta região histórico-cultural é conhecida como Curdistão. A maior concentração está no sudeste turco, vindo em seguida o Iraque, a Síria e o Irã.

Gabarito: A



8. (VUNESP/TRANSERP/2019 - AGENTE ADMINISTRATIVO) Oito civis morreram e 30 ficaram feridos em um bombardeio neste sábado contra um acampamento de deslocados no Iêmen, anunciou neste domingo uma coordenadora da ONU, sem indicar os supostos autores do ataque.

(Jornal do Brasil. 27.01.2019. Acessível em <https://bit.ly/2CVhE1g>. Adaptado)

Os ataques no Iêmen se devem

- a) às sanções aplicadas pelos EUA contra seu programa nuclear.
- b) às disputas com Omã pelas reservas de petróleo.
- c) à guerra civil que assola o país nos últimos três anos.
- d) ao conflito com a Eritreia pelo controle do mar vermelho.
- e) às ações de pirataria no Golfo de Aden.

COMENTÁRIOS:

O Iêmen é um país pobre localizado na fronteira com a Arábia Saudita que é assolado por uma guerra civil desde 2014. A população é dividida em 56% de sunitas e 44% de xiitas.

No conflito atual, opõe-se, de um lado, os rebeldes houthis (xiitas) apoiados pelo Irã, e do outro, grupos ligados ao atual presidente Abdrabbuh Mansour Hadi, apoiado pela Arábia Saudita. A disputa de poder no Iêmen inclui também tribos sunitas, a Al-Qaeda e até o Estado Islâmico.

Os ataques da notícia em questão foram realizados pelos houthis para atingir participantes de um desfile militar, leis ao presidente do país, Abdrabbuh Mansour Hadi.

Gabarito: C

(CEBRASPE/PGE-PE/2019 – ANALISTA JUDICIÁRIO) O Oriente Médio é a região de confluência de três continentes (Europa, Ásia e África), berço das primeiras civilizações (egípcia, suméria e babilônica) e das religiões monoteístas (cristianismo, judaísmo e islamismo). Além de rivalidades interimperialistas no passado, com tentativas tardias de renascimento e modernização, a região foi alvo de rivalidades também das megacorporações petrolíferas. Além disso, em pequenos Estados fracos — de fácil controle —, essa região foi afetada pela fragmentação promovida pelos ingleses e, em menor escala, pelos franceses. No século XXI, voltou a ser palco de disputas entre potências industrializadas do Atlântico Norte e em acelerada industrialização da Ásia Oriental e Meridional. Esse conjunto de países abrange o essencial do mundo árabe e muçulmano, interagindo em um único cenário histórico e geopolítico.

Paulo Fagundes Visentini. O grande Oriente Médio. Campus, 2014, p. 4-5 (com adaptações).

Tendo como referência o assunto abordado no texto, julgue os itens a seguir, dentro de um contexto geopolítico contemporâneo.



9. Em meio à tensão que envolve a guerra na Síria, o Estado iraniano é um dos principais apoiadores do regime de Bashar al-Assad.

COMENTÁRIOS:

O Irã é o país com a maior população muçulmana xiita do mundo. Na Síria, a grande maioria da população é sunita, mas o presidente Bashar al-Assad é um alaúita, uma das divisões dos xiitas, o que faz com que seu governo seja apoiado pelo Irã.

O estado iraniano e a Rússia são os principais apoiadores do regime de Assad.

Gabarito: Certo

10. A instabilidade vivida no Iraque, na Síria e na Jordânia tem causado o avanço territorial do grupo extremista Estado islâmico no Oriente Médio.

COMENTÁRIOS:

O grupo extremista Estado Islâmico (EI) havia conquistado extensos territórios no Iraque e na Síria, mas foi duramente combatido e expulso de todas as áreas que ocupou e onde proclamou o seu Califado islâmico. Na Jordânia, o EI não conquistou territórios, apesar de ter realizado atentados terroristas. A Jordânia foi, inclusive, membro da coalizão internacional liderada pelos Estados Unidos que combateu o Estado Islâmico nos vizinhos Iraque e Síria. Territorialmente, o grupo não tem se expandido no Oriente Médio, está bastante enfraquecido na região.

Gabarito: Errado

11. A finalidade do alinhamento irrestrito entre os Estados islâmicos da Arábia Saudita e do Irã é o combate ao Estado israelense.

COMENTÁRIOS:

A Arábia Saudita e o Irã não são aliados. Os dois países disputam áreas de influência no Oriente Médio. A Arábia Saudita não é inimiga do Estado israelense. O Irã é o principal adversário do estado judeu na região.

Gabarito: Errado

12. A aliança estratégica de Washington com Riad e de Moscou com Damasco contribui para o aumento da tensão geopolítica no Oriente Médio entre os EUA e a Rússia.

COMENTÁRIOS:

No passado, na época da Guerra Fria, Estados Unidos e Rússia, então URSS, foram inimigos, lutando pela hegemonia global. Com a queda do Muro de Berlim, a Guerra Fria teve seu fim e a Rússia se enfraqueceu, passando a adotar o sistema econômico capitalista. Lentamente, a Rússia voltou a crescer e a expandir sua área de influência, voltando a contrastar com os Estados Unidos e apresentando divergências geopolíticas com o país, sobretudo no Oriente Médio, região onde os Estados Unidos e a Rússia buscam aumentar sua influência.



A aliança da Rússia com Damasco (capital da Síria) e dos Estados Unidos com Riad (capital da Arábia Saudita) contribui para o aumento da tensão geopolítica no Oriente Médio. A Rússia é um dos principais aliados de Bashar al-Assad na Síria, contribuindo decisivamente para a sua vitória na guerra civil. Já os EUA são o principal aliado ocidental da Arábia Saudita, principal potência da região junto com o Irã.

Gabarito: C

(QUADRIX/CRQ 4ª REGIÃO/2019 – PROFISSIONAL DE ATIVIDADES ESTRATÉGICAS) O presidente americano, Donald Trump, alertou que haverá “punição severa” caso haja confirmação da participação saudita no caso do desaparecimento do jornalista Jamal Khashoggi e afirmou que pedirá uma cópia dos áudios divulgados, mas também deixou claro que não gostaria de se afastar da Arábia Saudita.

Internet: <www.bbc.com> (com adaptações).

Tendo o texto acima apenas como referência inicial, julgue os itens.

13. Um dos motivos do desejo de Trump de se manter próximo da Arábia Saudita é o poder petrolífero do país, grande produtor e regulador do preço dessa fonte energética.

COMENTÁRIOS:

Dados de abril de 2019 demonstram que a Arábia Saudita é o segundo maior produtor de petróleo no mundo e o maior exportador, além de ser o segundo maior detentor de reservas petrolíferas provadas no mundo, atrás somente da Venezuela. Grande parte da economia saudita se baseia nesse recurso mineral. Aliás, a economia global depende em boa parte desse recurso para o seu funcionamento. Os Estados Unidos, maior economia do mundo, são muito dependentes do petróleo. Apesar de ser um grande produtor do líquido, necessita importá-lo e a Arábia Saudita é um dos seus grandes fornecedores.

Há muitos investimentos americanos no país árabe, que também é um grande investidor em negócios e na economia estadunidense. Os sauditas são grandes compradores de armas dos EUA. Há grandes interesses econômicos mútuos entre os dois países.

A Arábia Saudita disputa influência no Oriente Médio com o Irã, que tem um regime considerado hostil pelos Estados Unidos. Interessa aos EUA ter aliados de peso contra o Irã na região.

Por todos esses motivos, os Estados Unidos e a Arábia Saudita são aliados de longa data e os americanos desejam se manterem próximos do país árabe.

Gabarito: Certo

14. Potência militar regional, a Arábia Saudita tem grande proximidade com a Rússia no plano militar, o que interfere na estratégia geopolítica dos Estados Unidos na região.

COMENTÁRIOS:

A Arábia Saudita é uma potência militar na sua região, no Oriente Médio, mas não tem grande proximidade com a Rússia. As relações não são hostis, mas há várias posições divergentes no plano internacional. Na questão da Síria, por exemplo, os dois países estão em lados opostos. Enquanto a Rússia é aliada do regime



de Bashar al-Assad, a Arábia Saudita e os EUA apoiam grupos de oposição, armados ou não, que tentam derrubá-lo do poder.

Arábia Saudita e Estados Unidos são aliados próximos, ou seja, não há essa interferência negativa do país árabe com relação à estratégia geopolítica dos EUA na região.

Gabarito: Errado

15. O governo saudita tem se mostrado um frágil colaborador dos Estados Unidos no combate ao terrorismo, tendo participado de forma irrelevante nas operações contra o extremismo islâmico no Oriente Médio.

COMENTÁRIOS:

O governo saudita não é um expoente do combate ao terrorismo na região, mas também não é um frágil colaborador dos Estados Unidos. De uma certa forma, a Arábia Saudita releva o terrorismo islâmico de orientação sunita, ramo do Islã seguido pela família real e amplamente majoritário no país. Mas combatem e apoiam os EUA no combate ao terrorismo islâmico de orientação xiita.

Gabarito: Errado

16. (FGV/COMPESA/2018 – ANALISTA DE GESTÃO) O Oriente Médio tem estado no centro dos debates das relações internacionais, em função dos graves desafios geopolíticos que o caracterizam. Sobre o Oriente Médio, assinale a afirmativa correta.

- a) Apresenta conflitos de ordem regional, nos quais minorias étnicas e religiosas são perseguidas, como é o caso dos curdos no Iraque e na Turquia, e dos palestinos, em Israel.
- b) Está dividido em blocos de alianças, um dos quais, o árabe sunita, é liderado pelo Egito e pela Arábia Saudita, os dois maiores produtores de petróleo da região.
- c) Possui centros de difusão do jihadismo internacional, como a Turquia e a Jordânia, com importantes campos de treinamento para o Hezbollah.
- d) Está inserido na agenda política internacional dos Estados Unidos, tradicional aliado das monarquias do Golfo Pérsico, do Estado de Israel e da Turquia.
- e) É área de influência da Rússia que, para garantir sua hegemonia, mantém bases militares no norte do Irã, na Síria e no canal de Suez.

COMENTÁRIOS:

a) Correta. O Oriente Médio é uma região de frequentes conflitos bélicos, seja por fatores políticos, nacionais, étnicos ou religiosos. Os curdos são a maior etnia sem um país no mundo, habitando vários países da região. No Iraque, país de maioria de população árabe, onde são minoria, são discriminados, bem como em outros países. A questão palestina é outro ponto de histórica controvérsia. Israel é um país de população de maioria judaica/hebraica, os árabes palestinos são minorias e sofrem discriminação.



b) Incorreta. Historicamente, Irã e Arábia Saudita disputam hegemonia e influência no Oriente Médio, formando seus blocos de aliança. Do lado da Arábia Saudita, estão países governados por árabes sunitas, como o Egito e a Jordânia. Do lado do Irã, estão os xiitas. Exemplo é a Síria, que é um país governado por um xiita. Os maiores produtores de petróleo da região são Arábia Saudita, Iraque e Irã. O Egito não é um grande produtor de petróleo.

c) Incorreta. Jihadista é um termo utilizado para designar um combatente radical islâmico. Jihadismo internacional seriam as organizações terroristas, armadas, formadas por radicais islâmicos. O Hezbollah é uma dessas organizações. É um grupo armado de xiitas e a sua base está no Líbano, não na Jordânia, nem na Turquia, que são dois países que não possuem centros de difusão do jihadismo internacional.

d) Incorreta. De fato, o Oriente Médio está inserido na agenda da política internacional dos Estados Unidos, que possui vários aliados na região, como as monarquias do golfo Pérsico e o Estado de Israel. O Irã está no golfo Pérsico, mas não é uma monarquia e não é aliado dos EUA. A Turquia é um país membro da OTAN, organização militar da qual os EUA também fazem parte. EUA e Turquia são aliados de longa data, ocorre que, nos últimos anos, essa relação político diplomática anda estremecida entre os dois países. Em função disso, o examinador entendeu que não se pode considerar que os EUA seja um aliado da Turquia.

e) Incorreta. O único país da região onde a Rússia tem bases militares é a Síria. A Rússia não exerce um papel hegemônico na região, mas busca reconquistar um papel relevante no Oriente Médio e voltar a ser encarada como uma superpotência global, recuperando o protagonismo perdido após a dissolução da União Soviética. Por isso, a Rússia apoia o regime de Bashar al-Assad, na Síria.

Gabarito: A

17. (IESES/ALGÁS/2017 – ANALISTA DE PROJETOS ORGANIZACIONAIS) No final de 2010, o mundo presenciou uma onda de protestos promovida na sua maioria por jovens no Oriente Médio e no norte do continente africano. Podemos afirmar:

a) A primavera árabe foi um movimento, uma onda de protestos e revoluções ocorridas no Oriente Médio e norte do continente africano em que a população foi às ruas para derrubar ditadores ou reivindicar melhores condições sociais de vida. Sobre os países envolvidos, podemos citar: Tunísia, Egito, Líbia, Síria, Kuwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, etc.

b) Países com ditadores que foram combatidos pelos jovens durante os protestos da primavera árabe: Tunísia, Arábia Saudita, Sudão, Afeganistão, Cazaquistão, Paquistão, Yêmen, Irã, Noruega.

c) Dos países que participaram da primavera árabe, muitos deles livraram-se de seus ditadores, um destes apenas a guerra civil ainda ceifa diversas vidas e permanece no regime ditatorial: Iraque.

d) A primavera árabe foi uma série de protestos de jovens árabes e africanos de origem muçulmana, que através da internet chamaram o povo às ruas para reclamarem do custo de vida, do desemprego e sobre a imigração. O movimento foi centralizado no continente asiático, mais precisamente em Israel.

COMENTÁRIOS:

A Primavera Árabe foi um movimento de revoltas e de grandes protestos populares em países com regimes autoritários, no qual a população buscou derrubar ditadores e reivindicar melhores condições de vida. O



palco dos conflitos foi o norte da África e o Oriente Médio, regiões de maioria de população árabe e muçulmana.

Como resultado das revoltas populares, foram depostos os ditadores da Tunísia, Egito, Líbia e Iêmen. Na Síria, a revolta se transformou em uma sangrenta guerra civil. Na Arábia Saudita, Omã, Kuwait, Barein, Jordânia, Líbano, Palestina, Sudão, Argélia, Marrocos, Saara Ocidental e Mauritânia, houve protestos, em maior ou menor escala, que também resultaram em mudanças maiores ou menores. Nesses países, os governantes se mantiveram no poder.

A internet foi intensamente utilizada como meio de mobilização e de divulgação do movimento nos países envolvidos.

Gabarito: A

18. (FEPESE/PREFEITURA DE FRAIBURGO/2017 – AUDITOR FISCAL) Em relatório das Nações Unidas, a guerra civil da Síria foi classificada como “grande tragédia do século 21”. Sobre a Síria e esse conflito, é incorreto afirmar:

- a) Apesar de ter assinado a Convenção de Armas Químicas, evidências apontam para o uso desse tipo de armamento pelo governo sírio.
- b) De caráter político, a guerra civil na Síria não envolve divergências religiosas.
- c) Sucedendo seu pai Hafez al-Assad, Bashar al-Assad está à frente do governo Sírio desde 2000.
- d) Na tentativa de fugir do conflito, milhares de sírios buscam refúgio em outros países, incluindo o Brasil.
- e) A guerra civil da Síria iniciou-se como uma revolta popular contra a forte repressão do líder do governo.

COMENTÁRIOS:

a) Correto. Assinado em 1993, em Paris, a Convenção de Armas Químicas (CAQ) é um acordo sobre controle de armas, que proíbe a produção, o armazenamento e o uso de armas químicas. A Síria aderiu à Convenção em 2013, mas foi acusada de utilizar armas químicas posteriormente no conflito em mais de uma oportunidade.

b) Incorreto. A guerra civil na Síria não começou devido a divergências religiosas, mas com o tempo, a disputa adquiriu contornos sectários. Grupos islâmicos extremistas entraram no conflito, como o Estado Islâmico e a Al Qaeda, hostis e intolerantes aos muçulmanos alauítas e aos cristãos que habitam na Síria.

c) Correto. Bashar al-Assad é o presidente da Síria desde o ano 2000. Sucedeu a seu pai, Hafez al-Assad, que governou por 30 anos até sua morte.

d) Correto. Milhões de sírios saíram do país em busca de refúgio. As principais correntes migratórias se dirigiram para países próximos e para a Europa, mas estima-se que cerca de 12 mil sírios buscaram refúgio no Brasil.



e) **Correto.** O governo sírio reprimiu violentamente manifestações pacíficas contra o regime em 2011. A forte repressão fez com que grupos de oposição se armassem com o objetivo de se defender das forças do regime, iniciando, pois, a guerra civil da Síria.

Gabarito: B

19. (IDECAN/CM CEL FABRICIANO/2017 - AUXILIAR ADMINISTRATIVO) “Civilização que se desenvolveu no sudoeste da Ásia numa região de clima quente e seco coberta por desertos e é considerada o berço da civilização islâmica.” Trata-se da civilização:

- a) Inca.
- b) Árabe.
- c) Egípcia.
- d) Romana.

COMENTÁRIOS:

A civilização árabe é considerada o berço da civilização islâmica. Durante os séculos VIII e IX, os árabes construíram um império cujas fronteiras iam até o sul da França no oeste, e até a China no leste, Ásia menor no norte e Sudão no sul. Este foi um dos maiores impérios terrestres da história. Na maior parte desta área, os árabes espalharam a religião do Islã e a língua árabe (a língua do Alcorão) através da conversão e assimilação, respectivamente.

Gabarito: B

20. (CESPE/CPRM – TÉCNICO EM GEOCIÊNCIAS) O Oriente Médio é uma das mais tensas regiões do mundo contemporâneo. Nele, interesses econômicos, sobretudo os ligados ao petróleo, se juntam a divergências políticas e animosidades religiosas para fazer daquela área um foco permanente de conflitos. O país que, na atualidade, se tornou símbolo de tragédia humanitária, representada por milhares de migrantes que buscam abrigo na Europa, e que sofre os males de uma guerra civil, a ação de grupos insurgentes e a violência do terrorismo é a

- a) Síria.
- b) Turquia.
- c) Palestina.
- d) Arábia Saudita.
- e) Jordânia.

COMENTÁRIOS:

Fácil! O país é a Síria, que desde 2011 vive uma guerra civil.



Gabarito: A

21. (IDECAN/PREFEITURA DE MARILÂNDIA – AGENTE ADMINISTRATIVO) Estabelecido em grande parte da região norte da Síria, o Curdistão é:

- a) Uma região habitada pelo maior grupo étnico do mundo, sem Estado próprio e fragmentado entre vários países.
- b) Um grupo de origem palestina, de ideologia sunita, que se organiza por um partido político e brigadas armadas.
- c) Um povo que se caracterizara, sobretudo, por formar uma nação de guerreiros, governada por uma aristocracia militar que vem se expandindo no norte da África e no Oriente Médio.
- d) O grupo terrorista mais agressivo da região, originário do Iêmen, que vem cometendo uma série de atentados na Europa, principalmente em nações aliadas aos EUA, como França e Grã-Bretanha.

COMENTÁRIOS:

O Curdistão é a região habitada pelos curdos, maior etnia sem Estado no mundo, com 26 milhões de pessoas. Compreende uma área contínua que abrange territórios da Turquia, do Iraque, da Síria, do Irã, da Armênia e do Azerbaijão.

Gabarito: A

22. (INSTITUTO CIDADES/CONFERE – AUDITOR) A Primavera Árabe foi uma onda revolucionária de manifestações e protestos que ocorreram no Oriente Médio e no Norte da África a partir de dezembro de 2010. Os protestos compartilharam técnicas de resistência civil em campanhas sustentadas envolvendo greves, manifestações, passeatas e comícios, bem como o uso das mídias sociais, como Facebook e Youtube, para organizar, comunicar e sensibilizar a população e a comunidade internacional em face de tentativas de repressão e censura na Internet por partes dos Estados, além de se oporem aos regimes ditatoriais em toda aquela região. Essa onda de protestos nos países de origem árabe iniciou-se:

- a) Na Tunísia, com a derrubada do ditador Ben Ali.
- b) Na Líbia, com a morte de Muammar AL-Gaddafi.
- c) Em Israel, com a independência da Palestina.
- d) Na Síria, na guerra civil contra Bashar AL-Assad.

COMENTÁRIOS:

A Primavera Árabe iniciou na Tunísia, com a “Revolução de Jasmim”, que levou à queda do ditador Ben Ali. O movimento se espalhou por vários países do mundo árabe. Levou à deposição dos ditadores: Osni Mubarak, no Egito; Muammar al-Gaddafi, na Líbia, e Ali Abdullah Saleh, no Iêmen.



Na Síria, a revolta se transformou em uma sangrenta guerra civil. Na Arábia Saudita, Omã, Kuwait, Barein, Jordânia, Líbano, Palestina, Sudão, Argélia, Marrocos, Saara Ocidental e Mauritânia, houve protestos, em maior ou menor escala, que também resultaram em mudanças maiores ou menores. Nesses países, os governantes se mantiveram no poder.

A Tunísia é o único país em que a revolta popular alcançou o objetivo da democracia. Nos demais países onde os ditadores foram derrubados – Egito, Líbia e Iêmen – a Primavera se transformou num tenebroso “Inverno Árabe”.

Gabarito: A

23. (IDECAN/PREFEITURA DE MARILÂNDIA – AGENTE ADMINISTRATIVO) O grupo extremista Hezbollah presente na região oeste da Síria tem sede e grande atuação em que país do Oriente Médio?

- a) Irã.
- b) Israel.
- c) Iraque.
- d) Líbano.

COMENTÁRIOS:

O Hezbollah, grupo de orientação religiosa islâmica xiita, tem sede e atuação no Líbano, e sua base é o sul desse país. Combate o Estado de Israel.

Gabarito: D



QUESTÕES COMENTADAS – A QUESTÃO ISRAEL-PALESTINA - MULTIBANCAS

(CEBRASPE/CBM-AL/2021 – ASPIRANTE) Em 21 de maio de 2021, primeiro dia de cessar-fogo na cidade de Gaza, o médico Hazem Abu Moteh aproveitou para visitar Atta Darwish, seu professor na época da faculdade. “Fomos ao mercado Abu Dalal, comemos doces e tâmaras. Nós rimos tanto. Graças a Deus, a guerra acabou”, disse Hazem. “Hoje (ontem), comemoramos o Eid Al-Fitr (fim do jejum do ramadã) com atraso. Vimos crianças lindas e felizes, com roupas novas. Não há mais o som de ambulâncias ou de bombas caindo”, relatou.

Internet: (com adaptações).

Acerca dos mais recentes conflitos entre o governo de Israel e o grupo Hamas, julgue os itens seguintes.

1. Em maio de 2021, os mais recentes e mútuos ataques entre Israel e palestinos deixaram mortos e feridos na Faixa de Gaza, território onde cristãos, judeus e muçulmanos se dividem às margens do Mediterrâneo.

COMENTÁRIOS:

Em maio de 2021, ocorreram ataques mútuos entre Israel e as milícias armadas do Fatah e da Jihad Islâmica, baseadas na Faixa de Gaza, território de domínio palestino, que fica entre o Mar Mediterrâneo e Israel. A quase totalidade da população é de palestinos muçulmanos (99,8%). O restante é cristão. Não há judeus na Faixa de Gaza.

Gabarito: Errado

2. Na atualidade, a difusão, nas redes sociais, de fake news acerca do conflito entre israelenses e palestinos contribui para a desinformação e para debates acalorados fundamentados em informações distorcidas.

COMENTÁRIOS:

Em qualquer contexto, seja na política, economia etc., as *fake news* contribuem para a desinformação e para debates acalorados fundamentados em informações distorcidas.

No caso do tema em questão, foram divulgados vídeos falsos pelos partidários dos dois lados, tanto aqueles que são pró-Palestina quanto pró-Israel. Em alguns desses vídeos, mostrava-se a Mesquita de Al-Aqsa em chamas e mísseis lançados contra Gaza.

Gabarito: Certo

(QUADRIX/CREF-SE/2019 - ASSISTENTE ADMINISTRATIVO) Jerusalém já foi ocupada, destruída, sitiada, atacada e capturada muitas vezes por diferentes povos – entre eles egípcios, babilônios, romanos, árabes e judeus – em cerca de três mil anos de história.



Internet: <www.bbc.com>.

A respeito dos aspectos políticos da Jerusalém atual, julgue os itens.

3. Além, obviamente, de Israel, três países consideram Jerusalém, atualmente, como a capital do Estado judeu: Estados Unidos; Guatemala; e Paraguai.

COMENTÁRIOS:

Até a data da aplicação da prova em questão, somente os Estados Unidos e a Guatemala reconheciam Jerusalém, na sua totalidade, como a capital do Estado judeu. O Paraguai havia reconhecido também, ao transferir a sua embaixada para Jerusalém em maio de 2018, mas em agosto do mesmo ano, o novo presidente do Paraguai, Mario Abdo Benítez, reverteu a decisão, levando a embaixada de volta para Tel Aviv.

Gabarito: Errado

4. A cidade é considerada como sagrada para os adeptos de três grandes religiões monoteístas do mundo.

COMENTÁRIOS:

Jerusalém é uma cidade sagrada para as três grandes religiões monoteístas do mundo: cristianismo, islamismo e judaísmo. Na parte oriental está a cidade velha, que abriga o Muro das Lamentações (ruínas do antigo Templo de Salomão), local sagrado do Judaísmo; a mesquita de Al-Aqsa e o Domo da Rocha (local onde Maomé teria ascendido aos céus) e a Igreja do Santo Sepulcro (local onde Jesus teria sido crucificado, sepultado e ressuscitado).

Gabarito: Certo

5. Para a Organização das Nações Unidas, o status de Jerusalém deverá ser definido nas negociações entre israelenses e palestinos.

COMENTÁRIOS:

A ONU defende a posição de que o conflito entre os dois estados deve ser resolvido por meio de negociações diretas entre as duas partes, com base em resoluções relevantes do Conselho de Segurança e da Assembleia Geral, levando em conta as preocupações legítimas tanto do lado palestino como israelense.

Gabarito: Certo

6. (CESPE/FUB – VÁRIOS CARGOS) As tensões no Oriente Médio se elevaram no pós-Segunda Guerra Mundial, quando, por resolução das Nações Unidas, decidiu-se pela partilha do território conhecido como Palestina, para nele serem criados dois Estados: um judeu e outro, árabe.

COMENTÁRIOS:

Em 1947, a Organização das Nações Unidas dividiu a Palestina histórica em dois Estados – um para os judeus, com 53% do território, outro para os árabes palestinos, com 47%. Estes últimos rejeitaram o plano.



Já na sua criação, Israel se deparou com uma guerra em 1948. Cinco países árabes enviaram tropas para impedir sua fundação, mas Israel estava preparado e tinha o respaldo das principais potências – EUA e União Soviética. As forças militares do novo Estado não apenas defenderam suas fronteiras originais como empurraram os palestinos para uma área menor do que a que lhes tinha sido destinada.

A criação do Estado judeu nunca foi aceita na sua totalidade pelos árabes. Após a sua criação, os conflitos e as tensões se elevaram no Oriente Médio. Na atualidade, grupos armados como o Hezbollah e o Hamas pregam a destruição do Estado de Israel e se envolvem em conflitos frequentes com a nação judaica.

Gabarito: Certo

7. (CESPE/FUB – VÁRIOS CARGOS) Segundo a posição oficial do governo de Tel Aviv, Israel, para garantir a integridade de seu território, tem impedido, inclusive pelo uso de armas, a criação do Estado da Palestina, objetivo historicamente defendido pela unanimidade dos países árabes.

COMENTÁRIOS:

Israel não tem posição oficial contrária à criação do Estado da Palestina. Assinou, inclusive, acordos internacionais de paz e do estabelecimento de um processo negociado para a criação da nação palestina. Entretanto, as negociações estão num impasse há muitos anos. Houve, ainda, retrocessos. Há divergências, até o momento, incontornáveis entre Israel e a Autoridade Nacional Palestina (ANP).

Ao mesmo tempo que diz ser favorável à criação do Estado da Palestina, Israel prossegue com a expropriação de terras de palestinos e a instalação de assentamentos de judeus na Cisjordânia. Sem dúvida, uma grande contradição.

Gabarito: Errado



QUESTÕES COMENTADAS – AFGANISTÃO – MULTIBANCAS

1. (QUADRIX/CRP-18/2022) No Afeganistão, a tomada de poder pelo Talibã imprimiu uma nova política educacional, com revisão das disciplinas ministradas, mas, por falta de estrutura física nas universidades do país, ainda é permitido que as mulheres estudem próximas aos homens em um mesmo ambiente.

COMENTÁRIOS:

O Talibã é um grupo fundamentalista islâmico, que faz uma interpretação radical da Sharia, a doutrina jurídica do Islã.

São poucas as informações que jornalistas e organizações conseguem obter sobre aspectos gerais da sociedade afegã, pelo fato de ser um grupo que cerca fortemente as liberdades individuais no país.

Todavia, sabe-se que, com a sua volta ao poder no Afeganistão, muitos direitos das mulheres foram retirados, inclusive o direito ao estudo.

Entre 1996 e 2001, período anterior em que o país era comandado pelo grupo extremista, as meninas eram proibidas de ir às escolas e frequentar aulas, e as mulheres não podiam entrar e atuar no mercado de trabalho, condicionando-as a uma vida doméstica submissa a figura masculina.

Nessa nova tomada de poder, em termos educacionais, as lideranças talibãs afirmaram que estariam dispostas a permitir a educação de meninas e mulheres, porém, com a condição de que as escolas e universidades sejam segregadas por gênero. Dessa forma, apenas mulheres poderiam lecionar aulas para meninas e apenas homens para meninos.

“O fundamentalismo islâmico vê as mulheres como seres subumanos, aptas somente para a escravidão doméstica e a procriação. Essa visão ultrajante foi elevada ao status de política oficial com a tomada de poder pelo Talibã”, diz um texto no site da Rawa (Associação das Mulheres Revolucionárias do Afeganistão).

Gabarito: Errado

2. (CESGRANRIO/BASA/2022 - TÉCNICO CIENTÍFICO) Considere o texto a seguir sobre os talibãs.

Duas décadas depois de serem expulsos do poder pelos Estados Unidos, os fundamentalistas voltaram ao comando do país, deflagrando uma série de problemas de segurança, principalmente para os Estados vizinhos. A Rússia vai convidar os talibãs para negociações internacionais em Moscou, em 20 de outubro - anunciou o enviado do Kremlin, Zamir Kabulov. Ao ser questionado pelos jornalistas sobre se o Talibã seria convidado para a reunião, que terá representantes de China, Irã, Paquistão e Índia, Kabulov, respondeu “sim”. Não especificou quem, do governo talibã, seria convidado. Esta conferência internacional acontece na sequência de uma cúpula extraordinária do G20, em 12 de outubro de 2021.

Disponível em: <https://exame.com>. Acesso em: 20 nov. 2021.

Nos conflitos geopolíticos atuais, os talibãs são um grupo originariamente atuante no



- (A) Irã.
- (B) Iêmen.
- (C) Iraque.
- (D) Paquistão.
- (E) Afeganistão.

COMENTÁRIOS:

O Talibã é um grupo originariamente atuante no Afeganistão. É uma milícia islâmica fundamentalista, da vertente sunita. A milícia chegou ao poder no país em 1996, mas foi deposta em 2001, quando os Estados Unidos invadiram o país e asseguraram o novo governo mantendo um forte contingente militar no país.

Em 2020, após 19 anos de conflito armado, os EUA (governo Donald Trump) e o Talibã assinaram um acordo de paz em Doha, no Catar, que estabeleceu a retirada progressiva das tropas norte-americanas do país.

À medida que as tropas estrangeiras foram deixando o Afeganistão, o Talibã foi avançando. Em poucos meses, conquistou grande parte do território afegão. No dia 15 de agosto de 2021, chegou à capital, Cabul, e retomou o poder no país.

Gabarito: E

3. (FGV/PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULÍNIA/2021 – FARMACÊUTICO) Três grandes conflitos forjaram a história recente do Afeganistão – os dez anos de resistência dos mujahidin contra a URSS (1979-1989), os quatro anos de guerra civil entre os senhores da guerra afegãos (1992-1996) e os 20 anos de ocupação americana, após o 11 de Setembro (2001-2021). Nessas quatro décadas, o Talibã figurou como o principal protagonista do país. Sobre o Talibã, assinale a afirmativa correta.

- (A) É uma organização terrorista responsável por ataques às embaixadas ocidentais no Paquistão e na Europa, em retaliação à publicação de charges sobre o profeta Maomé.
- (B) Formou-se nas madrassas, escolas corânicas xiitas afegãs e paquistanesas, de onde se origina o termo talib, que significa estudante.
- (C) Surgiu enquanto milícia na década de 1990, no norte do Paquistão, sob a liderança do mulá Mohammed Omar, que se destacou combatendo as forças da OTAN.
- (D) É um movimento fundamentalista e nacionalista islâmico, que zela pela imposição da interpretação rígida da sharia, incluindo a obrigação do uso da burka pelas mulheres.
- (E) É um grupo político jihadista islamista que se autoproclama um califado e pretende ter autoridade religiosa sobre todos os muçulmanos, além das fronteiras do Afeganistão.

COMENTÁRIOS:



a) Incorreta. O enunciado se refere ao grupo terrorista Al Qaeda, que realizou um atentado à embaixada dos Estados Unidos no Paquistão, em 2010, e, em 2015, juntamente com o Estado Islâmico, realizou um atentado à sede do jornal francês Charlie Hebdo, após ter publicado charges satíricas sobre o profeta Maomé.

b) Incorreta. Nas suas origens, o Talibã foi formado por estudantes de escolas religiosas islâmicas conhecidas como madrassas. Nessas escolas, estudavam o Alcorão e o Islã. “Talibã” ou “talib”, na língua pachto (majoritária no Afeganistão), significa “estudantes”.

c) Incorreta. O Talibã surgiu no início dos anos 1990 no Norte do Paquistão. A sua formação teve como lideranças combatentes islâmicos que lutaram contra a ocupação soviética do país, no período de 1979 a 1989. O seu fundador foi Mohammed Omar, conhecido como mulá Omar. Ou seja, não foi em um combate contra as forças da OTAN, mas contra as tropas soviéticas.

d) Correta. O Taliban é um movimento fundamentalista e nacionalista islâmico, que zela pela imposição da interpretação rígida da sharia, incluindo a obrigação do uso da burka pelas mulheres.

e) Incorreta. O termo “jihad” é habitualmente entendido como uma “guerra santa” travada contra os inimigos da religião muçulmana. Aqueles grupos e combatentes que seguem a jihad são conhecidos como jihadistas. O Taliban é considerado por muitos estudiosos como um grupo jihadista. Contudo, o grupo não se autoproclama um califado, e não pretende ter autoridade religiosa sobre todos os muçulmanos, além das fronteiras do Afeganistão. Essa parte do enunciado está descrevendo o **Estado Islâmico**. O Taliban não se autoproclama como um califado, mas como o governo do Afeganistão, e não pretende ter autoridade religiosa sobre os muçulmanos além das fronteiras do Afeganistão.

Gabarito: D



QUESTÕES COMENTADAS – TERRORISMO - MULTIBANCAS

1. (CESPE/TCU – TÉCNICO FEDERAL DE CONTROLE EXTERNO) A definição de terrorismo é bastante controversa, mas há um consenso básico: terroristas são aqueles que lutam contra o Estado e também contra um de seus elementos básicos, o povo.

COMENTÁRIOS:

Não há consenso, nem básico, na definição do fenômeno atual do terrorismo. Há várias análises e conceituações. A literatura especializada nos ensina que existe também o terrorismo de Estado. Neste caso, terroristas são agentes do próprio Estado que lutam contra o seu povo, mas não contra o Estado, para o qual agem disseminando o terror.

Gabarito: Errado

2. (FUNIVERSA/SEAP-DF/AGENTE DE ATIVIDADES PENITENCIÁRIAS - ADAPTADA) Nas últimas décadas, o terrorismo tem atuado em escala global e, em larga medida, é praticado por pessoas ou grupos identificados com posições religiosas radicais e fundamentalistas.

COMENTÁRIOS:

Nas últimas décadas, o terrorismo tem atuado em escala global. Como exemplo, temos a atuação da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), da Al-Qaeda e mais recentemente do Estado Islâmico. Essas organizações cometeram ou cometem atentados terroristas em vários países e continentes no mundo. O terrorismo atual não é exclusivamente praticado por pessoas ou grupos identificados com posições religiosas radicais e fundamentalistas, entretanto, é largamente identificado com o fundamentalismo religioso.

Gabarito: Certo

3. (FUNIVERSA/SEAP-DF/AGENTE DE ATIVIDADES PENITENCIÁRIAS - ADAPTADA) O terrorismo adquiriu extraordinária dimensão com o ataque que surpreendeu os Estados Unidos da América, em 11 de setembro de 2001, tendo atingido o Pentágono, em Washington, e as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova Iorque.

COMENTÁRIOS:

Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 surpreenderam os Estados Unidos. Após essa data, intensificou-se a ação norte-americana de combate e repressão ao terrorismo fundamentalista islâmico. A Al-Qaeda e seu líder – Osama Bin Laden – foram duramente combatidos pelos EUA. Bin Laden foi caçado por uma década, tendo sido morto por comandos especiais dos Estados Unidos em 2011, no seu esconderijo no Paquistão.

Gabarito: Certo



4. (FUNIVERSA/SEAP-DF/AGENTE DE ATIVIDADES PENITENCIÁRIAS - ADAPTADA) Particularmente célebre pelas atrocidades cometidas contra suas vítimas, muitas das quais decapitadas a sangue frio em cenas gravadas e postadas na Internet, o Boko Haram identifica-se como grupo armado comprometido com a defesa de Israel.

COMENTÁRIOS:

O Boko Haram é um grupo terrorista, fundamentalista islâmico, que atua na Nigéria. Não tem nenhum compromisso com a defesa do Estado judeu de Israel. O grupo quer tomar o poder na Nigéria e implantar um estado islâmico, com base na sharia (lei islâmica).

Gabarito: Errado

5. (FUNIVERSA/SEAP-DF/AGENTE DE ATIVIDADES PENITENCIÁRIAS - ADAPTADA) Uma estratégia adotada por grupos terroristas sediados no Oriente Médio é atrair jovens ocidentais para as suas fileiras, embora evitem a cooptação de africanos e europeus.

COMENTÁRIOS:

Incorreto, como exemplo, podemos citar o Estado Islâmico, que tem dezenas de milhares de estrangeiros – de todos os continentes - lutando nas suas fileiras. Milhares de europeus e africanos foram atraídos pelo Estado Islâmico e outros grupos, como a Al-Qaeda. Estrangeiros também são atraídos por outras organizações terroristas, fora do Oriente Médio, como o Taliban (Afeganistão/Paquistão) e o Al Shabah (Somália).

Gabarito: Errado

6. (CESPE/FUB - ADAPTADA) Há consenso entre os especialistas de que as ações terroristas protagonizadas por seguidores radicais do Islã, como o Estado Islâmico e a Al-Qaeda, refletem um choque de civilizações no qual o Oriente se insurge contra a histórica dominação ocidental.

COMENTÁRIOS:

Não há consenso, tendo em vista que o consenso na análise do mundo contemporâneo não existe. Quando o Cebraspe traz essa palavra mágica “consenso”, a questão tem 99% de chance de estar errada.

Gabarito: Errado



LISTA DE QUESTÕES – ISLAMISMO, MUNDO ÁRABE E ORIENTE MÉDIO – MULTIBANCAS

(QUADRIX/CRP-18/2022) Julgue os itens a seguir, referentes a aspectos do mundo atual.

1. Ataques aéreos russos continuam a atingir o território sírio, pela ajuda que Vladimir Putin vem dando ao seu aliado, o presidente Bashar al-Assad, contra os rebeldes que lutam para derrubar o governo sírio.
2. A guerra em curso no Iêmen opõe forças no Oriente Médio: de um lado, encontram-se Irã e Arábia Saudita, que se aliaram contra o governo sunita, que está no outro lado da disputa.
3. Grupos da jihad islâmica extremista ainda são encontrados na África, onde há a tentativa de controle regional em diferentes países do continente.
4. (CESGRANRIO/BASA/2022 - TÉCNICO BANCÁRIO) Considere o texto a seguir sobre a conjuntura na Síria.

Khalid, de 47 anos, aponta com dor o seu único rim, com apenas 70% de função. Ele está escondido em uma vala no meio do mato, junto com outros três sírios, Kassem, Nassir e Abdelrahman. Esta é a parte polonesa da floresta de Bialowieza, compartilhada com Belarus, uma área frondosa de 150.000 hectares que se tornou o corredor de passagem predileto para milhares de migrantes sírios que atravessam ilegalmente a fronteira entre os dois países nas últimas semanas. Os quatro procedem de Damasco, em seu quinto dia de caminhada pela floresta, tentando se guiar com o GPS do celular para ir na direção dos Países Baixos e Alemanha.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-11-17/quatro-sirios-escondidos-em-uma-vala-na-floresta-da-polonia-tudo-o-que-eu-quero-e-chegar-a-alemanha.html>. Acesso em: 20 nov. 2021. Adaptado.

Os quatro migrantes escaparam de seu país de origem devido ao seguinte fator conjuntural:

- (A) um movimento separatista que ataca os muçulmanos.
- (B) um acordo de paz que foi rompido com a União Europeia.
- (C) uma intervenção militar estrangeira que decretou estado de sítio.
- (D) uma revolução religiosa que expulsou os islâmicos do país.
- (E) uma guerra civil que se prolonga no país há 10 anos.

5. (QUADRIX/CREFONO 4ª REGIÃO/2021 – FONOAUDIÓLOGO FISCAL) Ao ser desbancado de sua posição de fonte geradora de energia, o petróleo acabou por propiciar algo até então inimaginável: a plena estabilidade política do Oriente Médio, com o fim dos conflitos na região e a resolução do histórico problema palestino.



6. (VUNESP/PREFEITURA DE FERRAZ DE VASCONCELOS/GUARDA MUNICIPAL – 2020) Um bombardeio ao aeroporto de Bagdá, no dia 2 de janeiro, matou Qassem Soleimani, um dos homens mais poderosos do país. O Pentágono confirmou que o ataque foi realizado por ordem do presidente e culpou Soleimani por mortes no Oriente Médio. No dia 7 de janeiro, o funeral do general Soleimani levou uma multidão de pessoas às ruas de Kerman.

(G1. <https://cutt.ly/NfRYtdJ>. Publicado em 31.01.2020. Adaptado)

O texto acima se refere às tensões militares entre

- (A) Síria e Iraque.
- (B) Irã e Estados Unidos.
- (C) Síria e Rússia.
- (D) Venezuela e Estados Unidos.
- (E) Irã e Síria.

7. (VUNESP/ESEF-SP/2019 – ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO) A decisão do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de retirar tropas norte-americanas do nordeste da Síria abriu caminho para uma ofensiva da Turquia contra forças curdas na região. Poucas horas depois do anúncio da medida, na segunda-feira (07.10.2019), a televisão síria registrou imagens de explosões atribuídas a militares turcos. Os curdos são uma etnia, de origem asiática, composta por cerca de 31 milhões de pessoas (estatística 2019). Como não possuem um país organizado, vivem espalhados pelos territórios de alguns países asiáticos.

(g1. Disponível em <https://glo.bo/31gWjty>. Acesso em 16.10.2019. Adaptado)

A maior concentração de curdos se encontra na Síria, Turquia,

- a) Irã e Iraque
- b) Iraque e Arábia Saudita.
- c) Irã e Afeganistão.
- d) Iraque e Paquistão.
- e) Irã e Líbano.

8. (VUNESP/TRANSERP/2019 - AGENTE ADMINISTRATIVO) Oito civis morreram e 30 ficaram feridos em um bombardeio neste sábado contra um acampamento de deslocados no Iêmen, anunciou neste domingo uma coordenadora da ONU, sem indicar os supostos autores do ataque.

(Jornal do Brasil. 27.01.2019. Acessível em <https://bit.ly/2CVhE1g>. Adaptado)



Os ataques no Iêmen se devem

- a) às sanções aplicadas pelos EUA contra seu programa nuclear.
- b) às disputas com Omã pelas reservas de petróleo.
- c) à guerra civil que assola o país nos últimos três anos.
- d) ao conflito com a Eritreia pelo controle do mar vermelho.
- e) às ações de pirataria no Golfo de Aden.

(CEBRASPE/PGE-PE/2019 – ANALISTA JUDICIÁRIO) O Oriente Médio é a região de confluência de três continentes (Europa, Ásia e África), berço das primeiras civilizações (egípcia, suméria e babilônica) e das religiões monoteístas (cristianismo, judaísmo e islamismo). Além de rivalidades interimperialistas no passado, com tentativas tardias de renascimento e modernização, a região foi alvo de rivalidades também das megacorporações petrolíferas. Além disso, em pequenos Estados fracos — de fácil controle —, essa região foi afetada pela fragmentação promovida pelos ingleses e, em menor escala, pelos franceses. No século XXI, voltou a ser palco de disputas entre potências industrializadas do Atlântico Norte e em acelerada industrialização da Ásia Oriental e Meridional. Esse conjunto de países abrange o essencial do mundo árabe e muçulmano, interagindo em um único cenário histórico e geopolítico.

Paulo Fagundes Visentini. O grande Oriente Médio. Campus, 2014, p. 4-5 (com adaptações).

Tendo como referência o assunto abordado no texto, julgue os itens a seguir, dentro de um contexto geopolítico contemporâneo.

- 9. Em meio à tensão que envolve a guerra na Síria, o Estado iraniano é um dos principais apoiadores do regime de Bashar al-Assad.
- 10. A instabilidade vivida no Iraque, na Síria e na Jordânia tem causado o avanço territorial do grupo extremista Estado islâmico no Oriente Médio.
- 11. A finalidade do alinhamento irrestrito entre os Estados islâmicos da Arábia Saudita e do Irã é o combate ao Estado israelense.
- 12. A aliança estratégica de Washington com Riad e de Moscou com Damasco contribui para o aumento da tensão geopolítica no Oriente Médio entre os EUA e a Rússia.

(QUADRIX/CRQ 4ª REGIÃO/2019 – PROFISSIONAL DE ATIVIDADES ESTRATÉGICAS) O presidente americano, Donald Trump, alertou que haverá “punição severa” caso haja confirmação da participação saudita no caso do desaparecimento do jornalista Jamal Khashoggi e afirmou que pedirá uma cópia dos áudios divulgados, mas também deixou claro que não gostaria de se afastar da Arábia Saudita.

Internet: <www.bbc.com> (com adaptações).

Tendo o texto acima apenas como referência inicial, julgue os itens.



13. Um dos motivos do desejo de Trump de se manter próximo da Arábia Saudita é o poder petrolífero do país, grande produtor e regulador do preço dessa fonte energética.

14. Potência militar regional, a Arábia Saudita tem grande proximidade com a Rússia no plano militar, o que interfere na estratégia geopolítica dos Estados Unidos na região.

15. O governo saudita tem se mostrado um frágil colaborador dos Estados Unidos no combate ao terrorismo, tendo participado de forma irrelevante nas operações contra o extremismo islâmico no Oriente Médio.

16. (FGV/COMPESA/2018 – ANALISTA DE GESTÃO) O Oriente Médio tem estado no centro dos debates das relações internacionais, em função dos graves desafios geopolíticos que o caracterizam. Sobre o Oriente Médio, assinale a afirmativa correta.

a) Apresenta conflitos de ordem regional, nos quais minorias étnicas e religiosas são perseguidas, como é o caso dos curdos no Iraque e na Turquia, e dos palestinos, em Israel.

b) Está dividido em blocos de alianças, um dos quais, o árabe sunita, é liderado pelo Egito e pela Arábia Saudita, os dois maiores produtores de petróleo da região.

c) Possui centros de difusão do jihadismo internacional, como a Turquia e a Jordânia, com importantes campos de treinamento para o Hezbollah.

d) Está inserido na agenda política internacional dos Estados Unidos, tradicional aliado das monarquias do Golfo Pérsico, do Estado de Israel e da Turquia.

e) É área de influência da Rússia que, para garantir sua hegemonia, mantém bases militares no norte do Irã, na Síria e no canal de Suez.

17. (IESES/ALGÁS/2017 – ANALISTA DE PROJETOS ORGANIZACIONAIS) No final de 2010, o mundo presenciou uma onda de protestos promovida na sua maioria por jovens no Oriente Médio e no norte do continente africano. Podemos afirmar:

a) A primavera árabe foi um movimento, uma onda de protestos e revoluções ocorridas no Oriente Médio e norte do continente africano em que a população foi às ruas para derrubar ditadores ou reivindicar melhores condições sociais de vida. Sobre os países envolvidos, podemos citar: Tunísia, Egito, Líbia, Síria, Kuwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, etc.

b) Países com ditadores que foram combatidos pelos jovens durante os protestos da primavera árabe: Tunísia, Arábia Saudita, Sudão, Afeganistão, Cazaquistão, Paquistão, Yêmen, Irã, Noruega.

c) Dos países que participaram da primavera árabe, muitos deles livraram-se de seus ditadores, um destes apenas a guerra civil ainda ceifa diversas vidas e permanece no regime ditatorial: Iraque.

d) A primavera árabe foi uma série de protestos de jovens árabes e africanos de origem muçulmana, que através da internet chamaram o povo às ruas para reclamarem do custo de vida, do desemprego e sobre a imigração. O movimento foi centralizado no continente asiático, mais precisamente em Israel.



18. (FEPESE/PREFEITURA DE FRAIBURGO/2017 – AUDITOR FISCAL) Em relatório das Nações Unidas, a guerra civil da Síria foi classificada como “grande tragédia do século 21”. Sobre a Síria e esse conflito, é incorreto afirmar:

- a) Apesar de ter assinado a Convenção de Armas Químicas, evidências apontam para o uso desse tipo de armamento pelo governo sírio.
- b) De caráter político, a guerra civil na Síria não envolve divergências religiosas.
- c) Sucedendo seu pai Hafez al-Assad, Bashar al-Assad está à frente do governo Sírio desde 2000.
- d) Na tentativa de fugir do conflito, milhares de sírios buscam refúgio em outros países, incluindo o Brasil.
- e) A guerra civil da Síria iniciou-se como uma revolta popular contra a forte repressão do líder do governo.

19. (IDECAN/CM CEL FABRICIANO/2017 - AUXILIAR ADMINISTRATIVO) “Civilização que se desenvolveu no sudoeste da Ásia numa região de clima quente e seco coberta por desertos e é considerada o berço da civilização islâmica.” Trata-se da civilização:

- a) Inca.
- b) Árabe.
- c) Egípcia.
- d) Romana.

20. (CESPE/CPRM – TÉCNICO EM GEOCIÊNCIAS) O Oriente Médio é uma das mais tensas regiões do mundo contemporâneo. Nele, interesses econômicos, sobretudo os ligados ao petróleo, se juntam a divergências políticas e animosidades religiosas para fazer daquela área um foco permanente de conflitos. O país que, na atualidade, se tornou símbolo de tragédia humanitária, representada por milhares de migrantes que buscam abrigo na Europa, e que sofre os males de uma guerra civil, a ação de grupos insurgentes e a violência do terrorismo é a

- a) Síria.
- b) Turquia.
- c) Palestina.
- d) Arábia Saudita.
- e) Jordânia.

21. (IDECAN/PREFEITURA DE MARILÂNDIA – AGENTE ADMINISTRATIVO) Estabelecido em grande parte da região norte da Síria, o Curdistão é:



- a) Uma região habitada pelo maior grupo étnico do mundo, sem Estado próprio e fragmentado entre vários países.
- b) Um grupo de origem palestina, de ideologia sunita, que se organiza por um partido político e brigadas armadas.
- c) Um povo que se caracterizara, sobretudo, por formar uma nação de guerreiros, governada por uma aristocracia militar que vem se expandindo no norte da África e no Oriente Médio.
- d) O grupo terrorista mais agressivo da região, originário do Iêmen, que vem cometendo uma série de atentados na Europa, principalmente em nações aliadas aos EUA, como França e Grã-Bretanha.

22. (INSTITUTO CIDADES/CONFERE – AUDITOR) A Primavera Árabe foi uma onda revolucionária de manifestações e protestos que ocorreram no Oriente Médio e no Norte da África a partir de dezembro de 2010. Os protestos compartilharam técnicas de resistência civil em campanhas sustentadas envolvendo greves, manifestações, passeatas e comícios, bem como o uso das mídias sociais, como Facebook e Youtube, para organizar, comunicar e sensibilizar a população e a comunidade internacional em face de tentativas de repressão e censura na Internet por partes dos Estados, além de se oporem aos regimes ditatoriais em toda aquela região. Essa onda de protestos nos países de origem árabe iniciou-se:

- a) Na Tunísia, com a derrubada do ditador Ben Ali.
- b) Na Líbia, com a morte de Muammar AL-Gaddafi.
- c) Em Israel, com a independência da Palestina.
- d) Na Síria, na guerra civil contra Bashar AL-Assad.

23. (IDECAN/PREFEITURA DE MARILÂNDIA – AGENTE ADMINISTRATIVO) O grupo extremista Hezbollah presente na região oeste da Síria tem sede e grande atuação em que país do Oriente Médio?

- a) Irã.
- b) Israel.
- c) Iraque.
- d) Líbano.



GABARITO



1. C
2. E
3. C
4. E
5. E
6. B
7. A
8. C

9. C
10. E
11. E
12. C
13. C
14. E
15. E
16. A

17. A
18. B
19. B
20. A
21. A
22. A
23. D



LISTA DE QUESTÕES – A QUESTÃO ISRAEL-PALESTINA - MULTIBANCAS

(CEBRASPE/CBM-AL/2021 – ASPIRANTE) Em 21 de maio de 2021, primeiro dia de cessar-fogo na cidade de Gaza, o médico Hazem Abu Motoh aproveitou para visitar Atta Darwish, seu professor na época da faculdade. “Fomos ao mercado Abu Dalal, comemos doces e tâmaras. Nós rimos tanto. Graças a Deus, a guerra acabou”, disse Hazem. “Hoje (ontem), comemoramos o Eid Al-Fitr (fim do jejum do ramadã) com atraso. Vimos crianças lindas e felizes, com roupas novas. Não há mais o som de ambulâncias ou de bombas caindo”, relatou.

Internet: (com adaptações).

Acerca dos mais recentes conflitos entre o governo de Israel e o grupo Hamas, julgue os itens seguintes.

1. Em maio de 2021, os mais recentes e mútuos ataques entre Israel e palestinos deixaram mortos e feridos na Faixa de Gaza, território onde cristãos, judeus e muçulmanos se dividem às margens do Mediterrâneo.
2. Na atualidade, a difusão, nas redes sociais, de fake news acerca do conflito entre israelenses e palestinos contribui para a desinformação e para debates acalorados fundamentados em informações distorcidas.

(QUADRIX/CREF-SE/2019 - ASSISTENTE ADMINISTRATIVO) Jerusalém já foi ocupada, destruída, sitiada, atacada e capturada muitas vezes por diferentes povos – entre eles egípcios, babilônios, romanos, árabes e judeus – em cerca de três mil anos de história.

Internet: <www.bbc.com>.

A respeito dos aspectos políticos da Jerusalém atual, julgue os itens.

3. Além, obviamente, de Israel, três países consideram Jerusalém, atualmente, como a capital do Estado judeu: Estados Unidos; Guatemala; e Paraguai.
4. A cidade é considerada como sagrada para os adeptos de três grandes religiões monoteístas do mundo.
5. Para a Organização das Nações Unidas, o status de Jerusalém deverá ser definido nas negociações entre israelenses e palestinos.
6. (CESPE/FUB – VÁRIOS CARGOS) As tensões no Oriente Médio se elevaram no pós-Segunda Guerra Mundial, quando, por resolução das Nações Unidas, decidiu-se pela partilha do território conhecido como Palestina, para nele serem criados dois Estados: um judeu e outro, árabe.
7. (CESPE/FUB – VÁRIOS CARGOS) Segundo a posição oficial do governo de Tel Aviv, Israel, para garantir a integridade de seu território, tem impedido, inclusive pelo uso de armas, a criação do Estado da Palestina, objetivo historicamente defendido pela unanimidade dos países árabes.



GABARITO



1. E
2. C
3. E

4. C
5. C
6. C

7. E



LISTA DE QUESTÕES – AFGANISTÃO – MULTIBANCAS

1. (QUADRIX/CRP-18/2022) No Afeganistão, a tomada de poder pelo Talibã imprimiu uma nova política educacional, com revisão das disciplinas ministradas, mas, por falta de estrutura física nas universidades do país, ainda é permitido que as mulheres estudem próximas aos homens em um mesmo ambiente.

2. (CESGRANRIO/BASA/2022 - TÉCNICO CIENTÍFICO) Considere o texto a seguir sobre os talibãs.

Duas décadas depois de serem expulsos do poder pelos Estados Unidos, os fundamentalistas voltaram ao comando do país, deflagrando uma série de problemas de segurança, principalmente para os Estados vizinhos. A Rússia vai convidar os talibãs para negociações internacionais em Moscou, em 20 de outubro - anunciou o enviado do Kremlin, Zamir Kabulov. Ao ser questionado pelos jornalistas sobre se o Talibã seria convidado para a reunião, que terá representantes de China, Irã, Paquistão e Índia, Kabulov, respondeu "sim". Não especificou quem, do governo talibã, seria convidado. Esta conferência internacional acontece na sequência de uma cúpula extraordinária do G20, em 12 de outubro de 2021.

Disponível em: <https://exame.com>. Acesso em: 20 nov. 2021.

Nos conflitos geopolíticos atuais, os talibãs são um grupo originariamente atuante no

(A) Irã.

(B) Iêmen.

(C) Iraque.

(D) Paquistão.

(E) Afeganistão.

3. (FGV/PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULÍNIA/2021 – FARMACÊUTICO) Três grandes conflitos forjaram a história recente do Afeganistão – os dez anos de resistência dos mujahidin contra a URSS (1979-1989), os quatro anos de guerra civil entre os senhores da guerra afegãos (1992-1996) e os 20 anos de ocupação americana, após o 11 de Setembro (2001-2021). Nessas quatro décadas, o Talibã figurou como o principal protagonista do país. Sobre o Talibã, assinale a afirmativa correta.

(A) É uma organização terrorista responsável por ataques às embaixadas ocidentais no Paquistão e na Europa, em retaliação à publicação de charges sobre o profeta Maomé.

(B) Formou-se nas madrassas, escolas corânicas xiitas afegãs e paquistanesas, de onde se origina o termo talib, que significa estudante.

(C) Surgiu enquanto milícia na década de 1990, no norte do Paquistão, sob a liderança do mulá Mohammed Omar, que se destacou combatendo as forças da OTAN.



(D) É um movimento fundamentalista e nacionalista islâmico, que zela pela imposição da interpretação rígida da sharia, incluindo a obrigação do uso da burka pelas mulheres.

(E) É um grupo político jihadista islamista que se autoproclama um califado e pretende ter autoridade religiosa sobre todos os muçulmanos, além das fronteiras do Afeganistão.

GABARITO



1. E
2. E
3. D



LISTA DE QUESTÕES – TERRORISMO - MULTIBANCAS

1. (CESPE/TCU – TÉCNICO FEDERAL DE CONTROLE EXTERNO) A definição de terrorismo é bastante controversa, mas há um consenso básico: terroristas são aqueles que lutam contra o Estado e também contra um de seus elementos básicos, o povo.
2. (FUNIVERSA/SEAP DF/AGENTE DE ATIVIDADES PENITENCIÁRIAS - ADAPTADA) Nas últimas décadas, o terrorismo tem atuado em escala global e, em larga medida, é praticado por pessoas ou grupos identificados com posições religiosas radicais e fundamentalistas.
3. (FUNIVERSA/SEAP DF/AGENTE DE ATIVIDADES PENITENCIÁRIAS - ADAPTADA) O terrorismo adquiriu extraordinária dimensão com o ataque que surpreendeu os Estados Unidos da América, em 11 de setembro de 2001, tendo atingido o Pentágono, em Washington, e as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova Iorque.
4. (FUNIVERSA/SEAP DF/AGENTE DE ATIVIDADES PENITENCIÁRIAS - ADAPTADA) Particularmente célebre pelas atrocidades cometidas contra suas vítimas, muitas das quais decapitadas a sangue frio em cenas gravadas e postadas na Internet, o Boko Haram identifica-se como grupo armado comprometido com a defesa de Israel.
5. (FUNIVERSA/SEAP DF/AGENTE DE ATIVIDADES PENITENCIÁRIAS - ADAPTADA) Uma estratégia adotada por grupos terroristas sediados no Oriente Médio é atrair jovens ocidentais para as suas fileiras, embora evitem a cooptação de africanos e europeus.
6. (CESPE/FUB - ADAPTADA) Há consenso entre os especialistas de que as ações terroristas protagonizadas por seguidores radicais do Islã, como o Estado Islâmico e a Al-Qaeda, refletem um choque de civilizações no qual o Oriente se insurge contra a histórica dominação ocidental.

GABARITO



1. E
2. C

3. C
4. E

5. E
6. E



ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.